

# INSTITUTO S.O.P.A.

E A MISSÃO DO VOLUNTARIADO



INSTITUTO  
Sopa

VÍTOR SIQUEIRA

*Ficha Técnica*

*Editorial*

Literando Editora

*Revisão*

Literando Editora

*Diagramador*

Lucas H. Andrade

*Capa*

Lucas H. Andrade

Instituto S.O.P.A. E a Missão do Voluntariado

©2024 Vítor Siqueira



Fotografia de Odette  
Bueno de Almeida

# sumário

Prefácio 06

---

Introdução 08

---

Capítulo 1:  
O Caldeirão de Esperança: A rotina de um  
Sábado no Instituto SOPA 10

---

Capítulo 2 :  
Raízes da Solidariedade: A Vila Industrial e a  
História de Dona Odette 16

---

Capítulo 3:  
Uma Infância de Simplicidade: As Origens de  
Dona Odette 22

---

Capítulo 4 :  
Além do Instituto: Dona Odette e a Fraternidade  
da Casa da Sopa 28

---

Capítulo 5 :  
A Receita da Bondade: O Ritual da Sopa de Dona  
Odette 36

---

Capítulo 6 :  
Um Legado Imortal: A Partida de Dona Odette  
e a Continuidade do Instituto 50

---

Capítulo 07:  
A Sociedade Organizada: O Surgimento e  
Formalização do Instituto SOPA 58

---

Capítulo 08:  
O Coração dos Assistidos: Histórias que  
Inspiram o Instituto 66

---

Capítulo 09 :  
A Força do Voluntariado: Motivações que  
Mantêm o Legado Vivo 74

---

Capítulo 10 :  
O Futuro do SOPA: Renovando Espaços e  
Planejando Novos Projetos 82

---

Agradecimentos 87

---

Galeria de fotos 89

## PREFÁCIO

**S**empre fui uma pessoa que se importava com os outros, que realmente sentia a necessidade de ajudar, de olhar para o próximo. Fazia parte da minha vida entregar uma comida para um “pedinte” ou levar um cobertor para algum morador de rua no inverno, mas ainda não me sentia completa. Parecia que não era o suficiente, que podia fazer mais um pouquinho.

Isso até conhecer o Instituto S.O.P.A. há mais de cinco anos. Foi através de uma ação social da minha filha onde conheci André [Camargo de Almeida], que me levou até Dona Odette. Sou tão grata por esse encontro ou, como ela mesmo disse, “reencontro”. Lá no Instituto S.O.P.A. aprendi que a caridade pode fazer parte da nossa vida, pode ser leve e feliz, que podemos fazer isso nos divertindo.

Aprendi a ajudar sem julgar, simplesmente estender a mão! Aprendi que um abraço ou algumas palavras de carinho para alguns que você mal conhece pode ser mais importante do que dinheiro. Aprendi que olhar para o outro com carinho, independente da condição que ele esteja, faz toda a diferença. Que o carinho vai junto quando um voluntário dá uma doação qualquer, quando um voluntário corta os legumes, quando a cozinheira faz a sopa e coloca os ingredientes com amor, que o carinho vai junto com aquele voluntário que embala o pão, separa as roupas, lava as panelas para que outro dia tenha sopa de novo.

Aprendi e senti que as pessoas que pensam igual e que também sentem tudo isso se reencontram, se unem, viram uma família e fazem uma força maior para espalhar o bem. Isto é o Instituto para mim, um lugar onde nos unimos com o mesmo propósito

deixado como legado da nossa amada Dona Odette, fazer o bem e olhar para quem precisa nesse momento da vida. Ele leva sopa, amor e esperança!

Hoje sou a atual presidente do Instituto, mas sei que isso é só um cargo que necessitamos para organizar as coisas, mas me sinto e sou como qualquer outro voluntário onde dou amor e recebo amor.

Ajudo uma família há 5 anos que se encontra em uma situação bem ruim e, todas as semanas, quando chego lá e as crianças que estou vendo crescer correm para me dar abraço percebo como sou abençoada por receber em troca tanto amor e gratidão!

**Priscila Andreotti**



## INTRODUÇÃO

**T**al qual a história que ele conta, este livro nasceu de um gesto simples.

A ideia de contar um pouco sobre a origem do Instituto e eternizar a história de Dona Odette já era desejo do S.O.P.A., mas chegou até nós de forma natural e quase coincidente com essa vontade. Afinal, o trabalho feito e deixado por ela tocou muito mais corações do que essas páginas seriam capazes de registrar.

O que começou com o recolhimento de alguns depoimentos alguns anos atrás, se tornou a semente para um livro que desse conta de tentar responder uma pergunta: de onde nasce a solidariedade?

E, para tentar entender essa questão, não haveria história melhor a ser investigada do que a de Dona Odette. Nosso desafio de reconstruir sua vida nunca foi por falta de achar aqueles que quisessem dividir o que conheciam sobre ela; na verdade, citar seu nome é um convite para ouvir os depoimentos mais carinhosos e cheios de emoção que se pode pedir.

O desafio era entender a Odette que vem antes da Dona Odette. Entender a sopa antes do S.O.P.A.. Entender se é possível demarcar um início para sua solidariedade, e de que maneiras ela foi capaz de acender essa chama de esperança em tantos voluntários que seguem seu trabalho.

O desafio era conhecer a Dona Odette que também é mãe e avó, que ensinou os netos a amarrar os sapatos, e que até já colocou sal demais na sopa e não quis admitir. A Dona Odette que, em sua humanidade, conquistou tantos amigos e “filhos perdidos” até sua casa.

Todos conhecem uma história sua, mas nem todas as histórias são conhecidas. Algumas haviam passado despercebidas e só descobrimos conforme avançávamos neste livro. Outras talvez nunca conheceremos, e são histórias que viverão apenas no coração daqueles que puderam ser ajudados por ela e nunca vão esquecer.

Não queríamos, porém, que este livro se tornasse uma biografia - não porque Dona Odette não merecesse, já que certamente sua história renderia mais do que o suficiente, mas porque este não era o desejo dela.

Assim, sua história aqui homenageada e lembrada merece seu registro, mas serve como ingrediente para cozinhar um caldeirão muito maior, que é uma história de solidariedade, humanidade e doação.

Com o passar dos meses de trabalho, percebemos que talvez não seja possível entender onde começa a solidariedade, mas sim o que realmente importa: para onde ela vai.

E, pelos relatos aqui presentes, percebemos que ela é capaz de chegar bem longe. Esta é uma história que até tem seu começo, mas que não tem um fim.

Em memória a Dona Odette e à sua família, e em dedicação a todos os voluntários que compõem e compuseram o S.O.P.A., dedicamos este livro como uma homenagem por décadas de trabalho que transformaram vidas formas que sequer seríamos capazes de narrar.

Que este seja mais um capítulo lindo de sua história,

Bruno, Jéssica, Paulinho e Vítor.



# CAPÍTULO 01

## O CALDEIRÃO DE ESPERANÇA: A ROTINA DE UM SÁBADO NO INSTITUTO SOPA



**É** sábado de manhã, e o frio típico da região serrana paulista dá as caras. Porém, é difícil dizer que o inverno chegou com essa força ao lado dos caldeirões fervilhantes de sopa, cujo cheiro vai se espalhando pelos corredores da creche.

A entrada é protegida por um portão de lança azul, que precisa de um pouco de jeito para abrir. É uma rua tranquila, como muitas na Vila Industrial. O chão todo de paralelepípedos tem alguns poucos carros estacionados, especialmente àquela hora, em que o Sol começa a aparecer.

Não existe placa que indique o lugar, mas todos sabem qual é. E, mesmo se não soubessem, iriam descobrir só por ler nas camisetas padronizadas de cada uma das pessoas ali dentro transitando pela

cozinha. Uma camiseta azul royal, em que se lê: Sociedade Organizada Pão que Alimenta. S.O.P.A..

Às seis da manhã, os preparos tomam continuidade. Não se pode dizer que é o início, porque o preparo mesmo já começou na noite anterior, com a equipe de sexta-feira, que picou caixas enormes de legumes. Abóbora e abobrinha, batata-doce e inglesa, cenouras, e quais outros vegetais estavam à disposição.

Naquele dia e naquele turno, é seu Isaías quem está responsável pelo trabalho da cozinha. Escolhe em seu celular uma lista de músicas de samba e pagode dos anos 90, que ecoa pelas caixas de som na cozinha e toma forma na cantoria singela das outras colegas que caminham e dividem a atenção entre os caldeirões.

São 11 panelas, ao todo, distribuídas no fogo entre dois fogões industriais - um de 8 bocas e um de 6. O menor dos caldeirões cabe, pelo menos, 60 litros de sopa. Já o maior, chega a 200. Segundo ele, é o mais difícil de lavar, porque é desajeitado pelo seu tamanho e não cabe em cadeira nenhuma para apoiar.

Quando eles chegam para o trabalho, os caldeirões já estão com água. É preciso esperar que esquentem para, então, dosar o sal e os temperos. A sopa também leva uma proteína, que naquele dia será feijão. Como é raro ter carne disponível, o feijão já havia sido cozinhado e batido no dia anterior para dar mais sustento ao preparo.

Aos poucos, são introduzidos os legumes, respeitando seu tempo de cozimento. Por fim, entra o macarrão, cujos sacos coloridos ficam dispostos em uma prateleira baixa na cozinha. São diferentes marcas e tipos, mas que, além da sustância, também ajudam a engrossar o caldo.

Cada um tem seu tempo para cozinhar, então não existe um cálculo exato - porém, é consenso na



cozinha que os caldeirões ficam praticamente iguais em sabor, textura e tempero. Do maior ao menor.

Entre a supervisão das panelas, seu Isaías tira uma das colegas para dançar forró quando uma música entra na seleção. Conforme vai chegando a hora do almoço, o caldo da sopa engrossa, e chega a hora de distribuir em potes. A maioria são potes de sorvete reutilizados, que já foram higienizados por outros voluntários no dia anterior, enquanto uma parte cortava os legumes. São centenas de potes empilhados e separados das tampas coloridas. Naquele dia, serão distribuídos 350 daqueles, mais uma seleção de potes menores de margarina, e 7 potes de 15 litros.

Quando a sopa está no ponto, ela começa a ser dividida. Às vezes, é difícil acertar a tampa no pote certo. Mas, com o encaixe perfeito, ainda é preciso manejar com cuidado o plástico quente até a mesa, dividindo os potes em sacolas plásticas de supermercado e depositando em um carrinho de supermercado que cabe na exata dimensão da porta da cozinha.

Os potes são, então, enfileirados para a contagem em uma mesa comprida de madeira. Eles só vão ser retirados dali no meio da tarde, quando chegarem os carros para a entrega. Cris, uma das voluntárias no dia, é quem ficou encarregada de preparar o café da manhã e o almoço, momento que marca a troca de turno entre alguns dos voluntários.

Com a chegada da tarde, a creche vai se enchendo com mais pessoas. A rua larga de paralelepípedos é ocupada com novos carros, que começam a abrir seus porta-malas e forrar seus interiores para receber dezenas de potes de sopa.

Antes da entrega, entre as conversas, todos se reúnem e realizam uma prece, que a cada vez é conduzida por uma pessoa diferente. Por um

momento, as conversas divertidas e atravessadas dão lugar a um momento de quietude e agradecimento. Entre católicos, evangélicos, espíritas, e tantas outras religiões que compõem o grupo, o conteúdo da oração é o mesmo: agradecer pela possibilidade de estar ali, mais uma vez, olhando para o próximo.

Naquele sábado, além das pessoas em situação de rua, os carros vão para bairros periféricos da cidade de Mogi das Cruzes. Cada grupo tem uma liderança que carrega consigo uma lista das pessoas registradas para receber a sopa, além da quantidade exata a ser entregue para cada uma.

Então, entre beijos e abraços, dividem-se pelos carros para começar a distribuição pontualmente, das 16h às 17h. As pessoas assistidas pelo grupo já sabem a hora e o local, e aguardam ansiosamente pela chegada dos voluntários, formando filas para esperar pela sopa.

Alguns levam para toda a família. Outros pegam para o consumo imediato - sem ter como armazenar ou aquecer a sopa depois, levam apenas um pote e um saquinho com alguns pães. Como é chegado o frio, alguns cobertores também são levados para a entrega pelos voluntários.

Conforme o fim do dia se aproxima, os alimentos que ainda não foram recolhidos vão sendo distribuídos para as pessoas que passam e precisam. Um grupo de cinco meninos, todos com menos de dez anos, faz sua felicidade com o restante do saco de pães, brigando pela divisão quando um deles toma a frente.

Ao final, é hora de fazer uma nova prece.

“Fizemos como Dona Odette ensinou”, diz Vladimir - Vlad - durante a prece, um dos integrantes mais antigos do instituto, quando sequer recebia o nome que hoje está estampado nas camisetas. “Nada do que vai para doação pode voltar. Tem que doar



tudo.”.

É fim de tarde, e o Sol começa a se pôr. Um vento gelado já volta a soprar conforme, pouco a pouco, escurece. “Hoje nós vamos voltar com os carros vazios do que é material, mas cheios de bênçãos de todos aqueles que vieram aqui. Toda vez que a gente ouve um ‘Deus te abençoe’, é um desejo de verdade. É uma gratidão verdadeira.”.

Quando acaba, alguns tomam o caminho para suas casas, enquanto outros retornam ao instituto para concluir mais um dia bem-sucedido de entregas.

Dona Odette. Não importa o tempo que passe, seu nome continua sendo recorrente entre os voluntários. E não poderia ser diferente.

Logo na entrada da creche, sob uma janela de ferro, um móvel é decorado, entre outras coisas, por uma fotografia grande em um porta-retratos de moldura dourada. Um grupo de mais de vinte pessoas se abraçando, sorrindo.

Entre elas, uma senhora miúda, que, apesar de não estar no meio, é o centro irrefutável da fotografia. Ela veste um suéter verde, e apoia uma mão sobre a outra em seu colo. Tem um casaquinho bege colocado por cima, só para esquentar, e seus cabelos curtos estão arrumados para a ocasião. Por trás dos óculos, sorri - ainda que não seja com a boca.

Esta é Dona Odette, o início do Instituto e a origem de todo o trabalho que, em poucas horas, recomeça com os enormes caldeirões lavados, prontos para serem abastecidos com mais litros de sopa quente naquele inverno.



# CAPÍTULO 02

## RAÍZES DA SOLIDARIEDADE: A VILA INDUSTRIAL E A HISTÓRIA DE DONA ODETTE



16

**“H**oje virou bairro mesmo. Antes acho que era mais uma comunidade”. (Nilza Lopes, moradora da Vila Industrial)

Hoje, o trabalho do Instituto acontece dentro de uma creche tradicional da Vila Industrial que pertencia a um centro espírita, mas que outrora ainda recebia os filhos dos moradores do bairro. Essa locação, porém, é apenas temporária, enquanto o local original conclui sua reforma.

A creche fica a poucos minutos de distância da verdadeira sede. Caminhar entre um endereço e outro é uma viagem pelo passado de Mogi das Cruzes, afinal, a Vila Industrial é um dos bairros que melhor conserva o visual característico de seu período. As ruas de paralelepípedo revelam casas estreitas, que crescem

em altura devido à sua arquitetura geminada.

A sede original, que está para completar sua reforma, é também a antiga casa de Dona Odette.

Lá, o pequeno fogão em que os caldeirões eram preparados precisou abrir espaço para uma cozinha industrial compatível com o vai e vem de voluntários e o volume cada vez maior de litros de sopa. Por dentro, a reforma já desafia a memória daqueles que se recordam do espaço apenas como a casa de Dona Odette. Olhando de fora, porém, ainda é possível ser transportado para outro período.

A frente é de um tom de branco recém-pintado, mas, ao olhar para as fotos de alguns anos atrás, percebe-se um portão com ponta de lança que só difere dos vizinhos pela cor, com seu tom acobreado, e pela placa já desbotada com o rosto de Dona Odette ao lado do nome do instituto. O desenho de uma concha de sopa completa as palavras, o cabo correspondendo a um “T” e a concha imitando um “o”. Acima, a extensão da sigla: Sociedade Organizada Pão que Alimenta.

As casas vizinhas também são unidas parede a parede, facilitando a comparação de suas estruturas. A arquitetura geminada é regra pelos lotes distribuídos em ruas paralelas por toda a Vila Industrial.

A rua era conhecida como Rua 2, porque era comum que os moradores reconhecessem cada uma delas, tão parecidas, por números. O título oficial, Roberto Nami Jafet, evoca outros tempos do bairro, quando Dona Odette ainda era parte de uma das famílias que viria a se mudar para lá.

Ali, em vários quarteirões, crianças ainda brincam na rua, e moradores de décadas conhecem uns aos outros. O bairro até já foi mais unido, mas, ainda assim, consegue conservar um pouco de sua longa tradição.



17

Aquela região, nos anos 40, havia chamado a atenção da família Jafet, imigrantes libaneses responsáveis por uma série de empreendimentos em São Paulo, como o Hospital Sírio-Libanês e o Clube Monte Líbano, que viriam a deixar também sua marca na cidade.

A Estação Mogi das Cruzes, não muito longe, na época integrava a Estrada de Ferro Central do Brasil, uma das maiores ferrovias do país, que conectava Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, o rio Tietê corria nas proximidades, próximo o suficiente para tornar a região úmida e estratégica, do ponto de vista dos empreendedores.

O cenário parecia perfeito para ambientar uma grande ambição brasileira naquele momento: a expansão da industrialização. Essa era uma das prioridades de Getúlio Vargas, então presidente. Em 1942, deu-se início a construção da MGB (Mineração Geral do Brasil) no território, que mudaria a história de Mogi das Cruzes para sempre.

O território adquirido pelos Jafet daria origem para a companhia, 550 casas para operários e ainda um campo de futebol. O ambicioso projeto buscava atrair trabalhadores e transformou a então Vila Jafet em um universo quase apartado do restante da cidade. Além do campo, que viria a se tornar o Estádio Municipal Francisco Ribeiro Nogueira – o “Nogueirão” - as rodas de samba também eram eventos comuns de entretenimento entre os moradores.

Trazendo a religiosidade para perto dos operários, houve a reconstrução da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos - que, com a nova localização, também apagou o “dos homens pretos” de seu nome.

A siderurgia transformou a cidade de uma maneira jamais vista até então. Em partes, graças às migrações

para trabalho, entre 1946 e 1956, a cidade saltou de cerca de 18 mil habitantes para quase 50 mil.

Imigrantes e moradores de outras cidades, como Ouro Preto, chegaram para se instalar na Vila Jafet. Salvo casos em que utilizavam os alojamentos, os funcionários que vinham com suas famílias habitavam as casas recém-construídas com uma estrutura que até hoje se mantém de pé.

Marlí Aparecida Ferreira, que nasceu e mora há mais de 60 anos na Vila Industrial, relembra que existia um sentimento de família. Em sua maioria, eram pessoas conectadas à mineração, que circulavam pelos mesmos espaços.

Se hoje existe a sensação de que o poder público não olha muito para o bairro, o sentimento era muito diferente quando ela era mais nova. Ela se recorda de um senhor, funcionário de Waldemar Costa Filho, que morava no bairro e era responsável por supervisionar as casas que foram construídas pelos Jafet. Quando alguém precisava de alguma coisa, era a ele que recorriam.

Nilza Lopes também mora na Vila Industrial há mais de 30 anos, desde que se casou. A casa em que ela vive hoje pertencia ao seu sogro, que trabalhava na mineração. Existia um sentimento forte de comunidade, de forma que ela teve uma recepção muito acolhedora ao entrar para uma família que fazia parte da vila.

“Há 20, 30 anos [...] pra você ter ideia, quando eu vim pra morar nesse bairro, na Vila Industrial, os Natais eram todos com portas abertas. Todas as casas eram [com] portas abertas. [...] Como os idosos, os pais, todos se conheciam, era outro clima. Hoje é cada um no seu mundo, com os portões fechados. Mas antes não, entrava na casa do vizinho da direita, da

esquerda, os vizinhos vinham em casa... [...] Disso eu sinto falta.”

(Nilza Lopes, moradora da Vila Industrial).

Além da presença frequente dos Jafet, Waldemar Costa Filho, antes de se tornar prefeito da cidade, em 1969, atuou na MGB e foi inclusive chefe do pai de Marlí. Ela se lembra de que ele visitava as casas das pessoas e conhecia os moradores pelo nome. Inclusive, foi quem os ajudou a mudar de casa, quando viu que a família de nove irmãos dividia uma casinha na Rua 4. Mesmo depois de prefeito, ele continuou frequentando o bairro, que carregava parte de sua memória.

Caminhando pelas ruas ainda em pedra, observando as casas geminadas, que cresceram em altura mas mantiveram suas paredes conectadas, como engrenagens de um mecanismo, ainda é possível observar as construções nas esquinas das primeiras ruas, maiores em tamanho, outrora habitadas pelas chefias da indústria.

Dizem os antigos mogianos que, do Palacete dos Jafet, no Alto do Ipiranga, a família responsável pela gestão conseguia observar a fumaça que subia das chaminés, vigiando as movimentações pelo bairro.

Em 1967, a ambição dos Jafet encontrou seus problemas. Repleta de dívidas, a indústria foi municipalizada, tornando-se Cosim (Companhia Siderúrgica de Mogi das Cruzes), mas a mudança apenas adiou o irremediável. Nos anos 80, a crise no país impactou fortemente a empresa, que não havia se modernizado e tornou-se cada vez mais obsoleta.

A decadência da Cosim, o coração da Vila Industrial, trouxe um impacto enorme para as famílias que dependiam de seu funcionamento. Além daqueles que precisaram se mudar, a situação financeira do município criou novas emergências.

Aos poucos, nasceram iniciativas para proporcionar alimento às pessoas necessitadas, como a igreja do bairro, ou como a fraternidade da Casa da Sopa. Porém, a semente do Instituto seria plantada ainda antes disso, com a abertura de uma pensão que alimentava os trabalhadores da fábrica. Os responsáveis pelas refeições eram os pais de Dona Odette.



# 03

## CAPÍTULO

### UMA INFÂNCIA DE SIMPLICIDADE: AS ORIGENS DE DONA ODETTE



22

**E**ra a década de 50, e não havia muitas coisas que colocassem o distrito onde hoje é César de Souza no mapa. O próprio nome só veio a partir de uma estação de trem hoje desativada, a estação Engenheiro César de Souza, que era talvez um dos pontos mais importantes da região.

A área era cortada pela Estrada de Ferro Central do Brasil, que, mais do que pessoas, transportava de fato lenha e produtos agropecuários do bairro em direção a São Paulo. Até o começo do século XX, essa era uma de suas principais contribuições para a economia da cidade.

Saindo da estação, a única rua nos arredores era a Guarda-Chaves. Ali moravam os funcionários da

central: agentes, conferentes, e, claro, os trabalhadores ferroviários responsáveis por supervisionar e mudar os trilhos – os guarda-chaves.

“Aqui as matas eram de pau barbado e nós abríamos as ruas com a mão”, contou o antigo morador Geraldo do Nascimento em um registro sobre a história do bairro nos anos 80. (Boigy, Cadernos da Divisão do Arquivo Histórico e Pedágio Municipal nº2, 1988.).

Os dois principais centros irradiadores de povoamento do bairro eram a Vila Suíça e o Jardim São Pedro. O primeiro, que assim foi nomeado para tentar chamar a atenção de compradores paulistas, foi onde estabeleceram-se Amâncio Carlos Bueno e Francisca Atríboles Bueno.

Odette Bueno de Almeida foi a terceira filha de sete. Os irmãos, Carlos, Lucas, Binha, Jessé, Jonas e Neide nasceram todos em Mogi das Cruzes e viveram a infância no bairro.

“Era roça, né, bem na roça”, comenta Neide, a irmã caçula, lembrando a infância. “Não, aquilo não era roça”, pontua Jonas, o irmão. “Sítio, né?”, corrige, então, Dona Neide.

Quem queria chegar ao centro seguia por uma longa caminhada pela Estrada Rio-São Paulo. O que começou a mudar a dinâmica dos moradores foi o surgimento de duas fábricas de cerâmica que viriam a demonstrar o potencial industrial em César de Souza: a Cerâmica Marcatto e a Olaria Rio Acima.

Esta última chamou a atenção de Amâncio, pai de Dona Odette, que enxergou uma possibilidade de completar sua renda como funcionário da Central do Brasil e dar sustento à família, que viria a ter 9 pessoas.

Pelos arredores, fundou uma pensão na qual os trabalhadores da olaria entravam para tomar café-



23

da-manhã e almoço. Era uma casa com um saguão grande, sempre movimentado por um vai e vem de pessoas, que demandava trabalho de toda a família para dar conta.

Os filhos não sabiam exatamente como era acertado o pagamento entre os trabalhadores, mas se lembram que todos ajudavam a servir as mesas, mesmo os mais novos, em torno de seus 5 e 6 anos. Dona Odette era, então, adolescente.

Muitas décadas antes de se ver fazendo sopa para tantas pessoas, ela já praticava sua vocação cozinhando na pensão dos pais. Ainda assim, para ajudar em casa, teve seu primeiro emprego como tecelã – uma das várias funções que executou ao longo da vida.

Cozinhar era só um pequeno detalhe de seus aprendizados mais importantes dentro de casa. A solidariedade, raiz das ações pelas quais dedicaria sua vida, era regra entre a família. As palavras do pai eram claras: “tem que ser bom, tem que ser correto, tem que ser justo”.

Os pais eram evangélicos, da Igreja Batista, mas os filhos seguiram por diferentes caminhos espirituais. Jessé, um dos irmãos, é diácono da Igreja Católica. Já Dona Odette frequentava o Centro Espírita. Contudo, as diferenças religiosas eram ponto de união muito mais do que de separação.

“Isso é o que meu pai ensinava, minha mãe ensinava: ajudar os outros não importa o credo. Sem olhar a religião. Tem que ajudar os outros. [...] Meu pai toda a vida falou isso pra gente.”

(Neide, irmã)

Parte da família se mudou para São José dos Campos, mas Odette casou-se e continuou na cidade. O marido trabalhava na Mineração Geral do Brasil, e

os dois passaram a morar na Vila Industrial.

Além de tecelã, ela já vendeu bolos e salgados para as pessoas do bairro, trabalhou como recepcionista no consultório de uma dentista e teve um papel como enfermeira no bairro, auxiliando no cuidado de idosos, como tratar machucados e a aplicar injeções.

Em um tempo em que era comum que as crianças nascessem em casa, o Doutor Luiz de Azevedo Rosa atuava como médico na MGB e atendia os moradores da Vila Industrial para realizar os partos. Dona Odette, jovem na época, escolheu ajudá-lo.

Conhecendo a Vila Industrial toda, bastava que chegasse aos seus ouvidos que alguma moça grávida entrou em trabalho de parto. Com a proximidade entre os moradores, ela largava o que precisasse para ir até o local. Quando o médico chegava, Dona Odette já estava na casa. Depois de ajudar, ainda dava banho e cuidava dos bebês.

Maria Luiza, filha do doutor Doutor Luiz de Azevedo, ouviu essa história não do pai, mas da própria Odette. A família também se lembra de uma dentista – ou, ainda, estudante de Odontologia, na época – que ela chegou a acolher em sua casa em um momento de necessidade.

Muito antes que funções como cuidar de idosos e limpeza do lar fossem entendidas como atividades profissionais, Dona Odette as realizava entre as pessoas do bairro, deixando a remuneração de lado em prol da solidariedade. A ideia de caridade talvez não passasse pela sua cabeça, mas já era praticada desde muito nova.

“Em uma casa a mulher não levantava da cama, ela [Dona Odette] ia, arrumava a casa da mulher e deixava a comida pronta para o marido. Em outra casa tinha um senhor que tinha feridas grandes e a família não



conseguia cuidar dele, ela ia lá todo dia fazer curativo no homem. Na outra casa lá, nos vizinhos dela, um casal de velhinhos, à noite ela fazia a sopa deles e o jantar, levava um para caminhar na calçada, até a esquina, voltava, deixava no banquinho, daí pegava o outro e ia caminhar com o outro. Todo dia ela fazia isso.”

(Hamilton Peixoto, amigo de Dona Odette e antigo voluntário)

Isabel, sua cunhada, lembra de um episódio específico em que foi auxiliar Dona Odette. Na época, já era comum que ela se desdobrasse para cuidar de pessoas adoecidas, mesmo que precisasse sair e deixar as visitas em casa.

Ela foi em sua companhia na casa de uma senhora, mas não conseguiu lidar com a situação da mesma maneira. Ao encarar as condições da mulher, teve um mal estar e precisou sair correndo do lugar. Dona Odette, de cara, a confrontou por não conseguir sequer ficar olhando para quem ela estava cuidando: “Como você é covarde, só de ver já saiu correndo”

Na memória daqueles que acompanharam suas ações no bairro, a história de Dona Odette é a história de uma figura religiosa, como uma santa. Mesmo com a criação de sua família, sob o prisma do espiritismo – que regeu sua vida por muitos anos – ela é lembrada como uma pessoa iluminada, que já carregava esse dom.

“Eu vim pra fazer sopa, essa é minha missão aqui na Terra”, sua frase ecoa. Cozinhar sempre foi um gesto de cuidado que carregou em sua trajetória, mas levou alguns anos para que Dona Odette reunisse os ingredientes necessários para criar a sua sopa.



# CAPÍTULO 04

## ALÉM DO INSTITUTO: DONA ODETTE E A FRATERNIDADE DA CASA DA SOPA



28

**N**ão muito longe de onde fica, hoje, o Instituto, existe uma outra casa que conheceu de perto a sopa de Dona Odette.

Saindo da Vila Industrial em direção ao Centro, ela fica a alguns quarteirões da linha ferroviária. De lá, dá para ouvir bem o sinal estridente do trem toda vez que ele está para chegar. É uma casa verde comprida de esquina, com uma portinha estreita em cada uma das ruas. A arquitetura segue a mesma linha das casas do bairro, com uma rua de pedregulhos contornando uma das entradas.

Ali não é o Instituto, mas também é uma casa de sopa. A Fraternidade, também conhecida como Casa da Sopa, é uma instituição que beira os 40 anos de

existência. Fundada originalmente em 1982, ela é fruto do trabalho de um grupo espírita.

Dona Odette frequentava o Centro e conhecia praticamente todo mundo lá dentro. Entre as funções de caridade, ela se dispunha de cozinhar a sopa. Vez ou outra, até participava das entregas, mas seu lugar marcado era no fogão.

Vladimir Padovani trabalhava em São Paulo quando frequentava a casa, que foi onde teve grande contato com Dona Odette e começou uma amizade de toda uma vida. Seu pai tinha uma loja de móveis, e, desde criança, ele o auxiliava nas operações.

Quando voltava para Mogi, às quartas-feiras, dia em que preparavam a sopa, ele sempre ia à Fraternidade. “Todas as cozinheiras sentavam nas cadeirinhas e pediam para eu fazer o passe para elas. Quem sou eu para dar o passe na Dona Odette?”

O passe, dentro do espiritismo, é um ato de compartilhamento energético. A pessoa que irá recebê-lo fica, geralmente, sentada, e o aplicador estende as mãos em sua direção sem encostar. Com responsabilidade e concentração, o aplicador do passe capta a energia dos bons espíritos e transmite essa potência a quem está recebendo.

É difícil traçar uma linha exata de onde a conexão de Dona Odette com a sopa teve início - como ela mesma diz, é uma Missão - mas, por onde passou, sua presença foi marcante. Antes da Fraternidade, ela também chegou a trabalhar em outra casa que distribuía sopa por volta dos anos 70, no bairro da Vila Jóia.

Eliana Higuchi trabalha com pescados, e tem um comércio dentro do Mercado Municipal de Mogi. Ela se lembra de quando conheceu Dona Odette, por volta dos anos 2000. Foi quando se juntou à Casa da



29

Sopa por frequentar o Centro Espírita, e Dona Odette era quem comandava a cozinha e cuidava da dispensa. Conta que ela conhecia todos que realizavam as doações por nome, e que sua preocupação era grande com cada um.

As duas se aproximaram nas atividades da cozinha e tinham o costume de conversar bastante quando se encontravam. Eliana levava a família toda – mãe, filho, irmãs e sobrinhos – e, com orientação de Dona Odette, começaram a fazer sopa por mais um dia na semana devido ao número de pessoas que precisava.

Uma memória marcante que carrega é, além das sopas, da preparação do escabeche. Esse molho encontra suas raízes históricas séculos no passado, quando era muito usado em períodos de navegação e longas viagens. O vinagre de sua composição, além de trazer um sabor intenso e agridoce, também era usado para conservar pescados por mais tempo.

Com Dona Odette, Eliana aprendeu todo o processo. “Você traz o peixe, você limpa o peixe, você prepara o peixe”. Ela tirava os espinhos e fazia a limpeza, e o cuidado com o passo a passo mostrava seu capricho na cozinha.

Por se tratar de uma doação, poderia haver uma ideia de que as refeições demandavam menos cuidado. Dona Odette sempre mostrou o oposto: as pessoas que receberiam, que são tão humanas quanto quem doa, merecem receber o melhor que se pode oferecer.

Em todo o tempo em que estiveram juntas, Eliana não se lembra sequer uma vez de ouvi-la reclamar de cansaço. Muito pelo contrário, mesmo quando os mais novos apareciam expressando algum desânimo com questões pessoais externas ao trabalho voluntário, ela era a primeira a tentar motivar, lembrando o quão importante era aquele impacto na vida das outras

pessoas.

“Ela tinha todos os motivos para desistir, ela era humilde e tinha um vida bem sofrida... Então ela tinha todos os motivos para parar, porque a primeira coisa que as pessoas tiram quando não estão bem é o trabalho voluntário, porque acaba se envolvendo muito com os próprios problemas e acaba se distanciando dessa parte espiritual. E, na verdade, é nesse momento que a gente tem que se aproximar ainda mais da parte espiritual, que é aí onde você consegue força, e ela sempre mostrou isso.”

(Eliana Higuchi)

Alguns anos depois, ela deixou de frequentar a Fraternidade, apesar de continuar praticando o voluntariado. A caridade está conectada às suas práticas religiosas, mas, com Dona Odette, aprendeu que isso vai além. Acima de qualquer obrigação por doutrina, acreditava que a solidariedade deveria ser praticada por amor.

“Se eu tenho condições de ter mais acesso aos ensinamentos da doutrina, eu tenho que entender melhor aquele que não tem esses mesmos meios, porque todos nós somos espíritos e cada um está passando pela sua provação, pelo que você precisa para crescer espiritualmente. Então, se nós estamos como voluntários, então somos nós que devemos entender aquelas pessoas.”

(Eliana Higuchi)

Era o caso de muitas mulheres que precisavam de acolhimento na Fraternidade. Não era raro que moças jovens chegassem grávidas, às vezes mais de uma vez, e com uma grande quantidade de filhos para cuidar. Dona Odette as orientava e cuidava delas, movimentava tudo para arrumar enxovais para seus bebês e ampará-las como pudesse. Como Eliana lembra, “a caridade



é isso, é fazer o bem sem ver a quem”.

Quando Dona Odette chegava, arregaçava as mangas e começava o trabalho. Tinha dias em que era a primeira, e não via problemas em começar. Mesmo que ninguém chegasse, ela fazia tudo sozinha. Porém, ainda assim, ela dependia da autorização do Centro para diversas atividades.

Então, depois de um longo período se dividindo entre vários lugares, Dona Odette acabou deixando o trabalho na Fraternidade e em outras instituições. Ela também cuidava dos netos, e passou a ficar, cada vez, mais focada em responsabilidades pessoais.

Ela morava em uma casinha humilde, mas sempre impecável em limpeza. Isso era uma coisa que Marlí não se esquece. Marlí, moradora antiga da vila, é vizinha de Dona Odette, e trabalha como lavadeira dentro do bairro. Quando Dona Odette estava muito atarefada, lhe pagava para passar suas roupas.

Segundo ela, era uma roupa que dava gosto de passar: até mesmo as blusas de tecido branco, bem macio, eram lavadas de um jeito impecável, sem manchinhas. Ela sempre cuidou de todos os detalhes com muito cuidado.

Ainda que ela não estivesse mais envolvida com outras iniciativas, as pessoas a procuravam em casa em busca de algum amparo. Não era incomum que as pessoas do bairro se ajudassem, especialmente quando conheciam o histórico de Dona Odette.

A impressão que dava para quem chegava era a de uma avó pronta para acolher qualquer um em sua casa com uma xícara de chá ou café. Ajudava as pessoas que apareciam como podia: com roupas, alimentos de cesta básica, ou com um prato de comida. Ainda assim, o maior motivo talvez fosse sua presença afetuosa.

Ainda assim, por trás da energia inspiradora que contagiava e atraía os outros, ela era uma pessoa extremamente preocupada. Preocupava-se com as pessoas que lhe traziam suas questões morais, e preocupava-se com a fome no bairro.

Quando ainda estava na Fraternidade, às vezes, precisava cozinhar duas vezes ao dia, antes e depois do almoço, para atender a toda a demanda. A fila de pessoas que aparecia para buscar a sopa dava a volta na rua, e o trabalho internamente precisava ser dobrado para dar conta de todos.

Depois que passou a fazer a sopa em sua casa, Dona Odette também viu o número de pessoas crescer. O que começou com um ou outro rosto conhecido acabou se transformando em um movimento muito maior. Quando percebeu, vinham moradores de distritos vizinhos, que exigiam mais de uma hora de caminhada, só para poder pegar sopa.

Foi um período difícil, porque ela precisava tirar tudo do próprio bolso, e sabia que talvez não fosse suficiente. Além disso, não daria conta de cozinhar e realizar as entregas, que se mostravam cada vez mais necessárias e iam além de seu bairro, atingindo pontos de Mogi das Cruzes invisibilizados pelo poder público. Foi então que pessoas ao seu redor, de forma singela e talvez sem perceber a dimensão dos gestos, passaram a ajudar.

Seu primo de segundo grau, Valmir, hoje é diácono da Igreja Católica, mas, na época, estava para se aposentar da Polícia Militar e fundou a Padaria Doval, atualmente administrada por seu filho. Ele perguntou de que maneira poderia ajudar Dona Odette, e ofereceu-se para doar cem pães, duas vezes por semana. Ela brilhou o olhar, imensamente grata.

“É um ensinamento a bondade da Dona Odette.



De bondade, de caridade, sem querer nada em troca. [...] Falei: ‘Meu Deus, ela não tem nada, e, do nada dela, ela ainda consegue fazer alguma coisa para alguém.’ Ela tinha uma vida muito simples, e a casa dela ela abriu e virou a casa de todos.”

(Valmir Silva, primo de Dona Odette)

Algumas pessoas conheciam Dona Odette do Centro Espírita que ela frequentava e da Casa da Sopa, como era o caso de Herculano, que começou a ajudá-la a organizar as entregas quando surgiu a oportunidade de levar sopa para pessoas que moravam mais longe da casa de Dona Odette. Na época, ele era funcionário da Telefônica, e trouxe Hamilton, seu amigo de trabalho, para ajudar a transportar os potes.

Mesmo com o apoio que começava a chegar, ela ainda temia que não conseguisse dar conta de tanta ajuda que era necessária. Como podia, ela economizava para que a sopa pudesse render para o número crescente de pessoas que precisavam de amparo.

Em uma pequena escala, essa preocupação social ilustrava o contexto pelo qual Mogi das Cruzes e o Brasil enfrentavam. A Mineradora, o coração das origens da Vila Industrial, dava seus tropeços desde os anos 60. Dizia-se que havia um atrito entre a família Jafet e o Regime Militar, naquele momento nas mãos de Castello Branco - que chegou inclusive a visitar o bairro. A fragilidade levou à interrupção das atividades da MGB, criando uma crise no bairro, em que grande parte das famílias dependia do trabalho da usina.

Quando a Cosim, antiga MGB, chegou à sua extinção pela falta de modernização e o sucateamento da companhia, petições clamavam pela manutenção do conjunto fabril como uma memória da cidade, ou, pelo menos, da conservação das suas chaminés, que delineavam sua silhueta, mesmo à distância, daquele

complexo que se tornou uma referência inquestionável de Mogi.

Os esforços, porém, não foram suficientes. O Palacete dos Jafet, família que deu origem à empresa, foi demolido por empreendedores imobiliários antes que pudesse ser tombado. Não muito tempo depois, em agosto de 1998, a Cosim foi enchida de explosivos, que levaram ao chão as chaminés do antigo motor econômico e primeira indústria da Vila Industrial.

O melancólico fim da mineradora marca uma nova fase para o bairro e para a cidade. Porém, naquele momento, algo diferente fervilhava dentro da Vila Industrial: caldeirões de sopa.



# 05

## CAPÍTULO

### A RECEITA DA BONDADE: O RITUAL DA SOPA DE DONA ODETTE



36

**T**udo começa com os legumes lavados sendo picados. Antes mesmo de levá-los à panela, é importante lembrar que cada qual tem seu tempo de cozimento, que deve ser respeitado. As cenouras e batatas, por exemplo, levam mais tempo que o chuchu e a abobrinha.

Esses legumes são colocados na água aquecida do caldeirão, que já foi salgada e temperada, depois que alguma proteína foi incluída para dar mais sustância. Quando os legumes estão no ponto certo, aí se inclui o macarrão. Assim que ele fica mais mole e engrossou o caldo, é hora de desligar.

Depois, distribui-se em pequenos potes, respectivamente lavados e higienizados. Por fim, para facilit

tar seu deslocamento quando estão quentes, são colocados em pequenas sacolas de supermercado. Esse procedimento, que ainda hoje é seguido pelo Instituto, nasceu do passo a passo sagrado que Dona Odette seguia para fazer a sua sopa. Não importava para quem fosse.

Herculano chegou à casa de Dona Odette em meados dos anos 90. Na época, ele frequentava o mesmo Centro Espírita que ela, e já ajudava a organizar as sopas. Como tantas pessoas futuramente, ele foi conquistado de forma despreziosa pelo jeito humilde e cativante de Dona Odette.

Quando percebeu, estava chegando mais cedo para ajudá-la na organização. Dona Odette já havia preparado sozinha, mas precisava da ajuda para distribuir em potinhos e planejar a entrega. Eles faziam a divisão por bairros, ou usando a linha do trem como referência.

Até então, e por muito tempo, a sopa era entregue em dois dias: às terças e aos sábados. No fim de semana, geralmente os carros davam conta das entregas, mas, às terças, era preciso de mais alguém para dar conta de distribuir tudo.

Na época, Herculano trabalhava para a Telefônica, não muito longe do Centro Espírita que frequentava. Ele acabou pedindo ajuda para Hamilton, seu amigo de trabalho, que na época dirigia um Santana, um Sedã da Volkswagen muito popular na década de 90.

O carro tinha uma dianteira comprida e reta, mas o que chamou a atenção mesmo de Herculano era o seu porta-malas espaçoso, que caíria perfeitamente para acoplar os potes de sopa para entregar.

No começo, as entregas eram dentro da Vila Industrial. Porém, conforme se espalhava o nome de Dona Odette, vinham cada vez mais pessoas de



37

bairros distantes - Jundiapéba, Favela do Cisne, Favela do Gica - somente para buscar sopa. As entregas, então, passaram a incluir os novos endereços.

No dia de suas entregas, Hamilton ficava encarregado de levar para as pessoas na rua, enquanto os outros levavam para as casas. Não chegava a dez integrantes, que entregavam em torno de 100 potes de sopa. Havia algumas famílias já conhecidas que recebiam, mas a maior parte ia para pessoas em situação de rua.

Hamilton se lembra dos nomes de algumas dessas pessoas - Capitão, Cebolinha, Benção - que se tornaram conhecidos pelo contato constante, semana a semana. As pessoas ficavam geralmente nos mesmos pontos, não muito longe de costumavam dormir. Muitos eram catadores de papelão, que se deslocavam pela cidade, mas ele sabia onde eles estariam no trajeto só pelo horário.

“Você pergunta: ‘opa, boa noite, tudo bem, amigo? Aceita uma sopinha quentinha, quentinha mesmo? Feita agora?’”

(Hamilton Peixoto)

Alguns tinham um pouco de resistência, desconfiando da gentileza. “Não, não quero não, vocês põe remédio para parar de beber!”, já chegaram a ouvir. Outro chegou a rezar uma mistura de Pai Nosso com Ave Maria, acreditando que havia uma motivação de conversão religiosa para aceitar a sopa. Porém, no geral, Hamilton conta que existia um respeito imenso para com os voluntários e em relação a Dona Odette, mesmo que não a conhecessem.

A última sopa que ele entregava era sempre para o Capitão, um senhor de muletas que ficava próximo à igreja da Matriz, no centro da cidade. Quando chegava para encontrá-lo, já havia passado das dez da noite.

Ele se sentava ao lado do Capitão e abria uma sopa também, que comiam conversando. Mais do que um alimento para o corpo, a sopa era também um motivo de união.

“A sopa da Dona Odette é incrível. A gente fala, a sopa é um alimento que mais do que o corpo, ela alimenta o espírito, sabe? São tantas mãos ajudando pra fazer aquela sopa, direta e indiretamente.”

(Hamilton Peixoto)

Aos poucos, eles perceberam a corrente ganhar novos elos que a tornavam cada vez mais forte.

“No começo, assim, eu ia com a turma do Herculano, e sempre faltava [gente], e comecei a chamar alguém pra ir comigo. Sempre ia alguém da Telefônica. ‘Ah, vamos entregar sopa hoje comigo?’. O pessoal ia e se envolvia. A pessoa depois não conseguia ir entregar sopa, mas colaborava com cesta básica, com macarrão, com dinheiro para comprar gás... Daí a coisa foi crescendo. Cada vez mais gente ia na casa dela pegar sopa. Foi assim que começou.”

(Hamilton Peixoto)

Os voluntários que chegavam, se não eram já amigos de longa data de Dona Odette do Centro Espírita ou da Vila Industrial, acabavam chegando por indicação. Foi o caso de André Kuramoto.

André se recorda com clareza quando estava na companhia de um amigo, irmão de Herculano, sentado em um bar no bairro do Mogilar, o antigo Bar do Henrique. Era um sábado à tarde frio, em agosto de 2001. Entre os copos que desciam, um amargor maior que o da cerveja consumiu os dois naquele dia.

“Surgiu um grande vazio, um sentimento triste e vazio, de uma inexistência profunda! Me encontrar naquela situação me fez me sentir inútil. De que eu



estava desperdiçando boa parte de minha vida.”

(André Kuramoto)

André se lembrou do trabalho que Herculano realizava para pessoas em situação de vulnerabilidade, e de prontidão telefonaram para ele. Pouco depois, Herculano estacionou no Bar do Henrique e os levou para conhecer Dona Odette.

Quando chegou, se deparou com uma senhora miúda, com sapatinhos já surrados e um avental amassado e sujo de sopa. Porém, a energia com que os recebeu foi inesquecível. Deveria ter em torno de 8 pessoas no total, mas a casa transparecia um acolhimento e uma energia que trouxe algum sentido para o vazio que André sentiu.

Sua aproximação foi tão grande que, algum tempo depois, passou a ajudar Dona Odette a coordenar as entregas. Era ele quem ajudava a planejar as rotas e a arrecadar as doações. Ainda eram poucas pessoas, e a própria Dona Odette chegou a participar da distribuição, mas seu compromisso mesmo era na cozinha.

No preparo, ela praticamente ficava sozinha. Não que não houvesse mãos dispostas a ajudar, mas ela gostava de fazer tudo do seu jeitinho. No começo, já deixava tudo pronto para entrega, dentro de caixas de isopor: potes tampados, de sorvete ou margarina, cheios de sopa, com talheres de plástico para comer, e o pão. Depois, começaram a ajudá-la a preparar os potes.

Tudo o que era arrecadado ficava em sua casa. Os alimentos eram reservados em uma despensa, enquanto outros itens, como roupas e cobertores, eram guardados em um quartinho. Os números e as quantidades eram feitos de cabeça. Quando muito, Dona Odette anotava os nomes e endereços de

novas pessoas que precisavam receber a sopa em um caderninho, vez ou outra pregando um pedaço de papel na geladeira para lembrar quem chegava.

A entrega em cada lugar tinha suas peculiaridades. Renato Prado se lembra de como era na época em que se juntou ao grupo. Ele já havia realizado trabalhos solidários antes, distribuindo café da manhã para pessoas em situação de rua, mas tinha uma agenda complicada devido ao seu trabalho, em que precisava viajar durante a semana.

Por isso, acabou chegando para contribuir aos sábados, por intermédio de André, de quem era um grande amigo. Era um grupo pequeno, e muitas vezes as mesmas pessoas faziam o mesmo roteiro de entregas, começando no Jardim Aeroporto, passando pelo Rodeio até o Jardim Ponte Grande e, por fim, terminando com as entregas na rua. O trabalho ia até perto da meia-noite.

Ele se lembra que no Jardim Aeroporto estacionavam em uma rua e as pessoas assistidas iam até o carro para pegar a sopa. Depois, optaram por entregar nas casas de algumas famílias que não podiam encontrá-los. Já no caso do Rodeio, distribuía de casa em casa.

Como tinha experiência em seu trabalho voluntário anterior, ele já conhecia alguns pontos das ruas de Mogi em que haveria pessoas precisando de assistência. Por isso, quando partiam para entregar nas ruas, gostava de procurar mesmo aquelas pessoas mais escondidas, que tinham menos acesso à comida. Ele conhecia cada um por nome e sabia suas histórias, de tanto sentar na calçada para conversar.

Por esse motivo, mesmo quando passou a haver uma divisão maior das distribuições, ele fazia parte do grupo que ia às ruas. Assim, chegava na casa de Dona

Odette mais tarde, quando uma parte dos voluntários já havia ido embora. Quando conseguia chegar mais cedo, acabava conversando com ela antes de fazer as entregas.

Dependendo do dia, era preciso esperar, porque as pessoas na rua ainda não haviam chegado aos pontos em que André sabia que poderia encontrá-los - alguns estavam pela cidade, coletando recicláveis, enquanto outros precisavam esperar fechar o comércio próximo de onde passavam a noite.

Enquanto a organização ainda tomava forma, principalmente na figura de André, o centro de tudo era Dona Odette e sua intuição, que coordenavam e davam sentido a todo o trabalho. Ela cuidava para que nunca faltasse sopa, mas às vezes o número crescente de pessoas era uma preocupação que lhe roubava os pensamentos.

“Preocupava, tanto que ela não quis aumentar as panelas, a quantidade de panelas. Era o Herculano que ajudava com os alimentos. Ela falava: ‘Lucia, tá aumentando a quantidade, e eu não sei se eu vou dar conta’. Então ela fazia de tudo pra economizar. Eu falava: ‘não, Dona Odette, vamos confiar em Deus, que Deus não desamparou a senhora até agora para ajudar os outros, e não vai desamparar’.”

(Ana Lúcia Formigoni)

Como eram dependentes de doações, a viabilidade de fazer as sopas estava vulnerável à solidariedade das pessoas que se dispunham a ajudar. As doações, às vezes, partiam de dentro do Instituto. Herculano se lembra de quando abriu uma casa noturna, que ficava no centro da cidade, e arrecadava quilos de alimentos na entrada das festas para levar ao Instituto.

Felizmente, da mesma forma que a casa de Dona Odette se tornava um marco para as pessoas que

precisavam pedir ajuda, também se tornava para quem queria saber como ajudar.

“Em 24 anos, nossa... Já passamos muita... Não dificuldade, mas vou dizer ansiedade. ‘Será que vai dar sopa este mês?’ ‘Será que vai ter dinheiro este mês pra comprar gás?’. E sempre deu. Sempre chegou na hora e aparecia. ‘Puts, não tenho macarrão para pôr na carne’, daí, daqui a pouco, chega alguém batendo: ‘Olha, tenho uma entrega’. Sempre foi assim. Daí as pessoas começam a doar, passar lá ‘Olha, vocês tão precisando de uma cadeira rodas?’ ‘Olha, tão precisando de uma cadeira de banho?’ ‘De um par de muletas?’ ‘Vocês tem roupa?’. Daí foi crescendo...”

(Hamilton Peixoto)

Foi um caminho parecido que seguiu para outro André - desta vez Camargo de Almeida - que veio a assumir a direção do S.O.P.A. entre junho de 2019 a junho de 2023. Ainda que já tivesse tido contato com o trabalho voluntário antes, veio a conhecer Dona Odette por indicação, durante um rigoroso inverno. Na companhia de alguns amigos, comprou e reuniu cobertores para doação, mas não sabia para onde levá-los.

Desde o início, ficou fascinado pela pessoa de Dona Odette. Ele chegou a perguntar sobre os trabalhos e começou a ajudar nas equipes de sábado, para a distribuição no Jardim Aeroporto. Ela chegou a confessar para ele algum tempo depois: “eu sabia que você era o único que ia ficar”.

As doações, aos poucos, começaram a ir além da sopa. Roupas, roupas de cama, brinquedos, artigos de casa, e tudo o que se podia imaginar acabava chegando dentro da casa de Dona Odette. Ela tinha um processo cuidadoso para receber - orava, agradecendo a quem doou, e também pedindo permissão espiritual para dar



um novo caminho para aquele bem.

“Toda doação que chegava ela fazia uma oração. A doação chegava, ela agradecia, pedia para colocar às vezes na frente, às vezes na própria sala, na entrada. Daí, quando a pessoa ia embora ela fazia a oração, agradecia por ter recebido e voltava a conversar.”

(André Camargo de Almeida)

A organização das roupas era uma demanda por si só que carecia de ajuda, especialmente os enxovais para crianças que iam nascer em famílias carentes. Era a missão perfeita para Maria Luiza, Malu, amiga de Dona Odette desde os anos 70. Ela chegou a se especializar em Enfermagem com a dedicação que tinha a cuidar de crianças, porém, quando Dona Odette solicitou sua ajuda, ela ainda sequer havia planejado sua formação como enfermeira.

O pai de Malu foi o médico que Dona Odette auxiliou nos partos da Vila Industrial, que trabalhava para a mineradora. Porém, Malu só foi descobrir essa conexão tempos depois, porque se aproximou de Dona Odette por ser frequentadora do mesmo Centro Espírita, junto de seu marido, Vladimir Padovani.

Eles passaram a frequentar a Fraternidade e, portanto, participavam da produção das sopas. Como eram novos na casa, Dona Odette tratou de acolhê-los, mesmo com um carinho agridoce que os trouxe para perto: “você não vai ficar quieta aí, você vai trabalhar, nem que seja só pra descascar batatinha”.

Eles ficaram afastados por um longo período, mas se reencontraram com Dona Odette décadas depois. Ela começou a trazer Malu para perto para ajudar com as roupas, ensinando a maneira como ela fazia.

Lúcia Formigoni também passou pela Fraternidade, mas só foi conhecer Dona Odette oficialmente anos

depois. Ela participava dos trabalhos voluntários quando tinha folga, pois trabalhou em creches por um longo período e, quando descobriu a casa de Dona Odette não muito longe da sua, planejou auxiliá-la quando se aposentasse.

Entre as várias atividades manuais que acostumou a realizar no seu trabalho, estava a de costurar bonecas, que ela começou a fazer para ajudar nas doações. Apesar da lembrança da figura forte e preocupada de Dona Odette, Lúcia se lembra de como ela era uma pessoa divertida. Elas separaram juntas roupas que chegavam para doação, mas o trabalho era leve em sua companhia.

Uma vez, quando chegou em casa, ela comentou, brincando: “olha, Lúcia, o que eu guardei para você”, apontando para uma roupa elegante e de extravagância. “Eu guardei pra você e pra mim, pra gente sair [para] dançar”.

Era inegável o papel transformador que Dona Odette proporcionou na Vila Industrial e em diversos bairros, mas seu apoio ia muito além: ia aos próprios voluntários. Parte de sua doação, como pessoa, também era para aqueles que iam à sua casa para ajudar com as entregas.

Quando alguém chegava antes, ficava ali, conversando com Dona Odette. Sua casa era cuidada nos detalhes, sempre arrumadinha - das louças alinhadas aos panos de prato limpos pendurados. Ela era uma pessoa ativa, sempre em movimento, mas às vezes sentava no sofá e ficava ali, conversando. Pegava nas mãos da visita e colocava sobre a sua, brincando com os dedos enquanto falava.

Com seu jeito único, Dona Odette trouxe Priscila Andreotti - hoje presidente do Instituto - cada vez mais para perto. Elas se conheceram porque Priscila

tinha começado uma arrecadação de brinquedos no condomínio por causa de sua filha, que havia sido eleita síndica mirim. Marina, sua filha, teve a ideia com ela de juntar brinquedos para doação.

Mesmo com o tempo curto, elas se engajaram ativamente na campanha, divulgando pelas redes e cuidando para que os brinquedos fossem lavados e rearranjados para estarem bons para a doação. A angariação foi mais do que bem sucedida - foram tantos brinquedos que até ultrapassou o número de doações para o orfanato que as receberia. Então, em busca de mais algum lugar para receber, descobriu a história de Dona Odette.

André Almeida, que buscou os brinquedos em nome do Instituto, contou sobre o trabalho que faziam e propôs que Priscila ajudasse a arrecadar mais brinquedos para uma ação do Dia das Crianças. Ela estava disposta, até descobrir que precisaria de cerca de mil doações. Ela só concordou porque André disse, então, que não precisaria ser mil, mas apenas o quanto fosse possível.

“Cara, eu não sei o que aconteceu. A gente espalhou no WhatsApp, a Marina foi falando com os amigos, os amigos foram falando com outros amigos... Porque nós ficamos desesperados, porque tinha que arrumar. A gente tinha que fazer tudo bonitinho, não ia dar qualquer brinquedo. Aí, quando eu fui ver, a gente tinha dois mil brinquedos. E o André vinha com o carro, lotava o carro dele e levava, lotava o carro dele e levava. E um dia eu fui ajudar ele e levei. E eu conheci a Dona Odete.”

(Priscila Andreotti)

Ela e sua filha foram até a casa, e Dona Odette as recebeu com um abraço. Então, disse algo que Priscila nunca esqueceu: “que bom que a gente se reencontrou”.

Era a primeira vez que a via, mas Dona Odette lhe tratou como se já fossem velhas conhecidas. Foram tantos brinquedos arrecadados que os carros não dariam conta. Priscila contou então com a ajuda de uma amiga, que cedeu o caminhão de seu trabalho para contribuir. O dia da distribuição, para ela, foi um momento inesquecível. Foi a primeira vez, em anos, que Dona Odette ia junto para uma entrega.

O caminhão partiu para Jundiapéba, estacionando em uma rua. Era um dia quente, e Dona Odette ficou sentada sobre uma tenda que montaram para ela se proteger. Vez ou outra, alguém na comunidade levava um pouco de suco para ela, que observava Priscila e os outros encarregados em cima do caminhão, deixando os brinquedos.

“Parece que quanto mais brinquedo a gente dava, mais brinquedo a gente tinha. Foi um marco na minha vida, eu posso dizer. E foi muito legal, e eu me apaixonei por isso, a gente ficou muito feliz.”

(Priscila Andreotti)

Ela ainda não se sentiu segura para participar ativamente, mas ia visitar Dona Odette para um café. A casa tinha um cheiro saboroso tomado pela sopa, à qual ela via o preparo carinhoso. “ela ia pondo pão, ela ia botando molho de tomate, o que tinha ela botava”. Os voluntários então chegavam e saíam com uma imensa empolgação, que foi um fator de motivação para que ela desejasse se juntar oficialmente.

Certo dia, faltou um carro para as entregas, e Priscila entendeu que aquele era o seu momento - ajudou e não conseguiu mais parar. Quando terminaram as entregas, eles voltavam para a casa de Dona Odette, e ela os estava esperando com chá e bolachinhas.

Quanto mais Priscila a conhecia, entendia o reencontro do qual Dona Odette tanto falava. Malu

também se lembra de Dona Odette ter falado isso - disse que, em outra vida, tinha sido sua mãe. E, de fato, essa foi uma forma com que sua relação se desenvolveu ao longo do tempo.

“Ela falava que eu era filha da minha mãe, mas que era filha dela. [...] Ela falava que a maioria eram filhos dela que estavam voltando.”

(Katia Aparecida da Cruz)

E, de fato, estavam voltando aos montes.

O que começou com poucas mãos passou a ganhar um corpo sólido. Enquanto pessoas mais antigas continuavam a amparando da forma que podiam, novas pessoas eram trazidas e se conectavam imediatamente com Dona Odette. Eram voluntários com diferentes histórias, origens e experiências com a caridade, mas que se encontravam ao trabalhar em um sentido comum.

“Ela ficava toda feliz que pessoas de posse ajudavam ela. ‘Ah, tem dentista, tem médico, tem estudante, tem pessoas importantes’. Isso que é bonito, né. Doavam seu tempo de descansar, aquele tempo que eles tinham eles doavam. A gente pensa que doação é só dar alguma coisa, mas é doar o tempo também.”

(Valmir, primo de Dona Odette)

Enquanto isso, a família de sangue de Dona Odette sabia de seu trabalho, mas nem todos tinham dimensão ainda do tamanho que as coisas estavam tomando. O compromisso da sopa era inadiável, e muitas vezes ela faltava em eventos familiares para dar conta. Ainda assim, tal como sempre ajudou todo mundo, fazia o que podia quando alguém precisava de algo dentro da família.

Os familiares se surpreendiam com a maneira como ela sempre conseguia o que precisavam - de brinquedos para as crianças até muletas e cadeiras de roda para

pessoas doentes. Ela sempre tinha algum conhecido a quem recorrer.

Um dia, ela apareceu na televisão, quando a TV Diário, afiliada local da TV Globo, fez uma matéria sobre o Instituto. Foi então que perceberam, indubitavelmente, o tamanho daquilo que Dona Odette havia construído dentro da pequena cozinha de sua casa.

A reportagem, de pouco mais de 5 minutos, veio após uma série de outras gravações que foram feitas durante o fim de 2014, mostrando campanhas solidárias durante o Natal. Quando entenderam que o trabalho de Dona Odette era feito durante todo ano, quiseram dedicar uma matéria especial para o Instituto, durante uma semana que celebrava o Dia Internacional da Mulher.

Nas imagens, ela aparece tímida, mas ainda confiante em seu ofício. Por um momento, ela conversa com a repórter com um plano fechado em seu rosto, compartilhando de forma honesta e sensível sua relação com o espiritismo e algumas histórias inesquecíveis de assistidos. Porém, em parte da reportagem, ela aparece cozinhando a sopa, mesmo enquanto é entrevistada.

“A senhora passa o dia todo em função da sopa?”, pergunta a repórter. “Em função da sopa, só.” ela confirma, “Se não, queima”. Nas imagens, ela mexe um caldeirão de 16 litros, com uma colher de cabo tão comprido que fica até mais alta que ela, necessitando das duas mãos para mexer. Ela ainda aparece cortando legumes, separando as sopas em potes, e colocando dentro dos isopores.

Ao responder a última pergunta, ela diz, com tranquilidade: “pretendo deixar todos esses meus amigos encaminhados e eles continuarem a hora que eu for embora, partir desta Terra para o outro lado”.



# 06

## CAPÍTULO

### UM LEGADO IMORTAL: A PARTIDA DE DONA ODETTE E A CONTINUIDADE DO INSTITUTO



50

**D**ona Odette fez sua passagem no fim de maio, em 2020.

Era o ano da pandemia de Covid-19, e a dinâmica no Instituto passou por grandes transformações. O S.O.P.A. tinha sido uma das poucas organizações que continuou em atividade diante dos desafios do isolamento social. O número de pessoas que precisava de assistência aumentou vertiginosamente, o que fez crescer a demanda de trabalho e de sopa.

Contudo, felizmente, o número de doações também aumentou. Talvez uma consequência do período, em que se percebeu a necessidade das ações solidárias para aqueles que mais precisavam. Como outros grupos paralisaram temporariamente suas atividades, o S.O.P.A. também arrecadou muitos outros materiais,

como livros, roupas e brinquedos.

Diversas pessoas buscaram o voluntariado como uma maneira de desaguar suas agonias. Com a pressão sufocante do isolamento social e o sentimento de impotência diante do contexto, era uma oportunidade de retomar o contato com outras pessoas e contribuir com o mundo, de alguma maneira.

“Foi o ponto em que o Instituto deu uma alavancada... Porque o que começou a aparecer de voluntário, pessoas novas que nunca tinham ouvido falar do instituto, e doações... Foi uma coisa descomunal. Aquela garagem da Dona Odette às vezes lotava de verduras, de cogumelos... Porque as plantações continuavam, não tinha para quem doar, e a gente começou a pegar.”

(Renato Prado)

Ainda assim, no começo, não houve um consenso entre o Instituto se deveriam continuar as atividades. O primeiro bingo do S.O.P.A., que ocorreria em março, precisou ser cancelado. Existia um medo da doença, especialmente considerando Dona Odette, que, na época, estava com 88 anos e era considerada parte de um grupo de risco. A vontade dela, porém, era de que as atividades não parassem. Dona Odette insistia que eles não pegariam Covid se estivessem fazendo as entregas.

Katia Aparecida da Cruz começou a ser mais ativa no S.O.P.A. entre 2015 e 2016. Ela chegou por intermédio de sua mãe, Maria, que conhecia Malu e Vlad. De início, participava dos eventos, até que fosse necessário mais um carro para levar as entregas até o Jardim Aeroporto, e passou a participar com mais frequência.

Para evitar as aglomerações, eles iam de casa em casa entregando, depois de avisar com antecedência,



51

sempre com máscaras e álcool em gel à disposição para não colocar ninguém em risco. Como o número de necessitados aumentou, começaram a preparar a sopa mais dias na semana, primeiro às quintas e depois às segundas-feiras.

Eles precisavam insistir para que Dona Odette tomasse cuidado, ficando em casa e usando máscara, porque ela não se intimidou pela chegada da pandemia. Para ela, a prioridade era continuar ajudando. “Se chegar minha hora, chegou”, ela dizia.

Ainda que Dona Odette viesse a fazer sua passagem alguns meses depois, ela não foi contaminada pela doença. Essa sua maneira de ver as coisas não era exclusiva da pandemia. Ela sempre falou da própria morte com tranquilidade, de forma que parecia até mesmo se preparar para quando este dia chegasse.

“Ela se preparou para tudo. Ela me falava que a hora dela ela sabia a hora que ia ser, como ia ser, até a roupa dela ela deixou separada. [...] Como família, na maioria das vezes, a gente fica achando que é uma palavra qualquer, [...], só vem a tomar ciência do que é o peso das palavras dela quando vem a acontecer tudo o que ela falava. Só a partir daí que começou a cair para algumas pessoas o quanto que ela era evoluída na vivência nesta Terra”.

(Sandro de Almeida, neto de Dona Odette)

Malu se recorda que, três anos antes da partida de Dona Odette, ela já ouvia: “eu tô te preparando”. “Tá me preparando pra quê? Pra onde que eu vou?”, ela respondia: “Eu tô te preparando. Cê vai saber”, a amiga insistia.

E, pouco a pouco, foi deixando Malu cada vez mais encarregada das roupas. Ela chegou a organizá-las em sua própria casa, e Dona Odette ainda a aconselhava a deixar em seu quarto apenas o que fosse dos bebês,

enquanto as doações deveriam ir para outro cômodo, por causa da energia. De início, Malu até comentou: “que me conste, a senhora não foi lá em casa ver o que tem”, e ela respondeu, com simplicidade: “Mas eu sei”.

Por muito tempo, a única coisa que permaneceu intocada no Instituto era a sopa. Para as entregas, enxovais, e administração de doações, Dona Odette recebia ajuda havia algum tempo, mas a sopa permanecia sua tarefa principal, e ela gostava que assim fosse. Quando a demanda dos bairros aumentou, ela passou a aceitar ajuda para cortar os legumes, pois já era uma quantidade grande demais para dar conta. Depois, veio a pedir a ajuda de Lúcia, com quem tinha criado uma grande intimidade.

“Ela falou: ‘agora é você quem vai fazer a sopa’. Eu falei: ‘Dona Odette, eu não sei... Eu não posso prometer nada para a senhora, mas no que eu puder ajudar eu vou ajudar.’ Quando ela estava lá eu nunca mexi na sopa, ela às vezes falava: ‘Lucia, mexe pra mim’, daí eu mexia. Mas sem ela falar eu não me intrometia. [...] A sopa era só ela que colocava a mão.”

(Ana Lúcia Formigoni)

Ela levava Dona Odette na fisioterapia, e as duas criaram uma relação forte. A família brincava que ela tinha adotado Lúcia. Quando dizia que ia visitá-la, não podia demorar, porque Dona Odette ficava sentada na poltrona esperando por ela. Um dia, quando não pôde ir, mesmo sabendo que uma outra amiga ficaria na companhia dela, ouviu de Dona Odette: “nossa, Lúcia, você me deixou sozinha”.

Era uma relação de proximidade e confiança. Com ela, Dona Odette compartilhava as preocupações que carregava com sua saúde e com as pessoas próximas. O maior medo dela não era da morte em si, mas de

não conseguir mais fazer a sopa e deixar as pessoas assistidas na mão.

Lúcia se lembra que a maior dificuldade que Dona Odette enfrentou, antes de adoecer, era uma dor que tinha nos braços. Por isso, passou a ajudá-la, sobretudo quando ela não conseguia mais levantá-los para mexer a sopa. Então, fizeram um combinado: de que Lúcia iria colocar a sopa nos potes para que ela amarrasse as sacolinhas, como uma forma de fazê-la sentir parte do processo.

Um dia, quando lhe disse que era ela quem faria a sopa, Lúcia sentiu-se perdida, por não ter colocado a mão na massa até então. Porém, já estava acostumada a cortar os legumes com ela, além de sempre observar sua forma de preparo.

Outra pessoa com quem ela sempre manteve uma proximidade imensa é sua irmã, Neide, que inclusive morou com ela por um período. A irmã se lembra de que, ainda que não fosse a pessoa à frente do Instituto, sempre esteve por trás. Era com ela que Dona Odette compartilhava o que sentia e perguntava opiniões. “Ela não largava de mim, pra onde eu ia, a bolsinha dela já estava arrumada”.

Quando viu a irmã começar a adoecer, Neide evitou contar para os outros de início, por um pedido de Odette. Ela não gostava que os outros soubessem quando não estava bem, e frisou diversas vezes que não queria ajuda, porque não queria incomodar ninguém. Neide foi confidente o quanto pôde, mas, quando percebeu que o caso era grave, comunicou o filho de Dona Odette, e ela ficou brava quando descobriu.

“Eu não tenho tempo para ficar doente”, dizia. E, principalmente, já falava que não queria ir para o hospital. Ela comentava com a família que, caso não estivesse bem, até iria ao hospital, mas queria voltar

para sua casa. Renato se lembra uma vez, quando ela começou a lidar com labirintite, da forma com que Dona Odette enfrentava os problemas de saúde.

“Eu chegava na casa dela e ela falava: ‘Renato, eu recebi um presente e eu desembrulhei. Que que eu fui fazer? Eu desembrulhei e era labirintite! Aí eu tive que pegar para mim...’. Ela conduzia os problemas de saúde de uma forma impressionante, nunca reclamou.”

(Renato Prado)

Em uma sexta-feira, quando Neide percebeu que ela não estava bem, mas respeitou seu espaço e não perguntou. Ela e Lúcia ajudaram nas tarefas e foram para a casa. Na segunda-feira, Pérola, neta de Odette, comentou que ela havia passado mal, mas que não deixou que chamasse Neide novamente.

Ela queria levá-la para o hospital, mas Dona Odette não deixou - pediu, primeiro, para tomar um chá fitoterápico, com a combinação de boldo, cáscara sagrada e ruibarbo, para aliviar as funções do fígado e da digestão. Depois, cochilou, mas acordou com bastante dor, só então concordando em ir para o hospital.

“Antes de ela ir, ela falou tudo, assim, pra mim: o que ela queria e o que não queria, o jeito que ela fazia e como ela não fazia... Daí você escuta e guarda, porque você acha que a pessoa vai durar mais uma eternidade, mas eram os últimos dias dela.”

(Neide)

Ainda assim, ela retornou alguns dias depois para sua casa. Priscila se lembra que, quando Dona Odette ficou doente, ela havia falado com outras pessoas para que a sopa fosse feita também em outras casas. Karina Rangel, síndica do prédio e sua amiga, que também havia ajudado com a arrecadação dos brinquedos no

passado, combinou de cozinhar no condomínio, então ela ajudava cortando os legumes com as crianças.

Uma outra amiga dela, Adriana, também começou a fazer sopa em sua casa, com a ajuda da irmã. Um dia, quando foi pegar a sopa, Priscila descobriu que a irmã de Adriana havia falecido em razão da Covid-19. Aquilo foi um choque, especialmente em um momento em que sequer podiam se abraçar e consolar, devido à pandemia.

Priscila, então, decidiu que não iria participar das entregas naquele dia, pois ainda não se sentia bem. Passou na casa de Dona Odette para deixar a sopa na garagem, e até então só a via através da janela. Porém, Odette tinha voltado do hospital e queria vê-la. Ela disse que não iria, especialmente porque tinha medo de contaminá-la.

André Almeida fez um apelo de que, ainda que de máscara, fosse vê-la, porque era um grande pedido dela. Priscila tomou os cuidados e foi, comentou sobre a situação, e Dona Odette a acolheu: “Deus sabe o que faz, ela está bem, filha, fica bem”. Priscila segurou no pé dela, e comentou que estava inchado. “Não, mas eu estou ótima, estou super bem, estou ótima, vou no médico semana que vem, está tudo ótimo”, ouviu em resposta.

Era um sábado, dia de entrega, e Dona Odette viu que o trabalho continuou. Mais do que isso, as sopas não haviam parado enquanto ela esteve hospitalizada. O Instituto já havia sido oficializado e recebia um número de doações suficiente para se manter; a receita e seu modo de fazer haviam sido incorporados para continuar alimentando as pessoas em situação de rua; as entregas seguiam a todo o vapor, cada vez para mais famílias.

Naquele momento, talvez, Dona Odette percebeu

que sua missão estava cumprida.

Sua maior preocupação sempre foi a de não dar conta da responsabilidade. Porém, ela havia construído com as próprias mãos - ou, melhor, cozinhado - algo que era eterno. Nos corações dos voluntários, cada qual à sua forma, sua sopa continuava sendo entregue religiosamente nos mesmos dias, do seu jeitinho.

No dia seguinte ao seu falecimento, uma segunda-feira, ainda que fosse dia do enterro, fizeram as entregas costumeiras por entenderem que seria uma maneira de homenageá-la - e aquilo que de fato ela iria querer que fizessem.

“Quando ela faleceu, salvo engano, o enterro foi na segunda-feira e aí, naquele dia mesmo, a gente fez a entrega. Era dia de entrega e a gente falou: ‘E aí, a gente vai fazer entrega ou não vai? Se vocês vão eu não sei, mas eu vou, porque era isso que ela queria fazer.’ A gente precisa prestigiar a memória dela, e é prestigiar fazendo entrega.”

(André Camargo de Almeida)

Continuar poderia ter sido um desafio maior, mas André se lembra de que foi um processo natural. Naquele momento, o Instituto já havia tomado forma e Dona Odette havia instruído todos muito bem.

“Quando ela fez a passagem foi bem tranquilo - lógico, sentimos falta, sem dúvida, mas a gente sabia que ela já tinha preparado para a gente continuar com tudo.”

(André Camargo de Almeida)



# CAPÍTULO 07

## A SOCIEDADE ORGANIZADA: O SURGIMENTO E FORMALIZAÇÃO DO INSTITUTO SOPA



58

“O pão que não se reparte não mata a fome.”

Essa frase estava presente na primeira camiseta criada para o Instituto. Na época, Hamilton tinha ido a uma missa e, no folheto, leu essa frase, que ficou marcada em sua cabeça. Junto desse slogan, na camiseta, lia-se: S.O.P.A. - Sociedade Organizada Pão que Alimenta.

Esse título também foi sugerido por ele. O nome foi uma pequena semente da vontade que existia de formalizar o Instituto, que levou mais de 10 anos para tomar forma oficialmente. Até então, a maneira com que conduziam os trabalhos, apesar de funcionar, trazia diversas inseguranças. Ainda que contassem com doações, às vezes precisavam acordar internamente

para resolver outras pendências, como a falta de gás.

“Ela [Dona Odette] sempre desejou ampliar este trabalho e ajudar mais pessoas, afinal esta era e ainda é a missão dela. Mas quando ocorreu o falecimento dela foi um momento de transição, pois não sabíamos se seria dada continuidade nestes trabalhos, pois a opção em dedicar a maior parte de sua vida em ajudar o próximo era uma decisão dela, o que era respeitado pela sua família. [...] Conversamos e decidimos que este trabalho deveria ter continuidade e honrar a memória da Dona Odette e o legado deixado por ela em vida.”

(Cássio Pereira da Silva)

Dona Odette participou do processo de institucionalização do Instituto, mas não foi um período tão tranquilo para ela. Ela sabia de uma vontade de André Kuramoto de oficializar o projeto com um CNPJ, como uma ONG, mas tinha alguns receios com o processo.

Para entender as dúvidas de Dona Odette, Renato faz um paralelo com Francisco de Assis - dadas as devidas proporções. O frade italiano dedicou sua vida em ajudar o próximo, seguindo seus princípios e instintos, mas também teve dificuldades em lidar com uma organização e estruturação que começou a existir com o aumento do número de franciscanos.

“A preocupação, eu acho, desses espíritos é o medo das coisas desviarem, de se envolver com política, de mudar os objetivos fundamentais [...]. A criação do Instituto também foi um processo, para ela, não de preocupação, mas de alerta, podemos dizer. A gente sempre conversava, ela sempre falava do que achava. Não foi suave para ela, mas sempre foi com o consentimento, tanto que ela participou do dia da inauguração.”

(Renato Prado)



59

Aos poucos, Dona Odette foi ficando mais tranquila ao perceber que o dia a dia não havia mudado. Seria o começo de uma época de transformações, mas o essencial continuava o mesmo: os voluntários ainda seguiam com as entregas nos mesmos dias, cada vez mais integrados, e seguindo para os mesmos lugares.

A maior transformação, de fato, se deu mais com a pandemia do que com a institucionalização do S.O.P.A. Isso porque o salto de doações e voluntários cresceu imensamente, e a existência do CNPJ foi o que ajudou a concentrar os valores que eram dirigidos ao Instituto.

Um dos principais nomes por trás desse processo foi André Almeida, que ajudou a concretizar esse antigo desejo de transformar a “sopa da Dona Odette” em uma organização formalizada. “A partir do momento que você tem um advogado no grupo, você quer fazer isso, né?”, brinca ele.

Ele tomou a frente na construção do Estatuto, e, em junho de 2019, houve a formalização do Instituto, que foi fundamental para centralizar as doações. Com a ampliação delas, foi possível aumentar também o dia das entregas e melhorar a estrutura do trabalho.

Mesmo com a passagem de Dona Odette, sua casa continuou sendo a sede dos trabalhos. Quando houve melhores condições, por exemplo, compraram um fogão industrial de 8 bocas para dar conta do aumento do número de trabalho, que antes era desempenhado pelo fogão que Dona Odette tinha.

Porém, novas responsabilidades também trouxeram novas demandas. Como o volume de pessoas aumentou, foi necessário estruturar melhor as equipes. Isso era algo que já acontecia nos anos mais recentes, conforme o número de voluntários cresceu. Além de alguns departamentos, como a Diretoria, o *Marketing* e

o Financeiro, também havia grupos responsáveis por determinadas atividades, como o preparo das sopas e a organização dos enxovais.

Os voluntários novos e antigos começaram a ser organizados em um cadastro virtual para controle do número de pessoas. Além dos dias que cada um tem disponível e das informações de contato, ele também fornece informações sobre quem são essas pessoas - suas ocupações, hobbies e maneiras alternativas de contribuir com o Instituto.

Da mesma forma, também precisaram organizar as pessoas e famílias assistidas para garantir que as doações continuassem chegando da melhor forma. Isso possibilitou um alcance e eficiência maiores para chegar em novas casas, mas também trouxe divergências da forma com que Dona Odette era acostumada a fazer, anotando em seu caderninho e deixando o papel pregado na geladeira.

“A gente cresceu de repente, não foi uma coisa gradativa. [...] A gente era muito família, era ‘como Dona Odette falou, como Dona Odette fez’. Só que muita coisa como ela fazia não dá mais pra fazer, porque hoje a gente explodiu. Tinha 40 pessoas que a gente dava sopa, ela sabia a história dessas 40 pessoas. Hoje eu não tenho como saber a história das mil pessoas. Eu tenho que fazer um cadastro.”

(Priscila Andreotti)

Mais do que isso, o número grande de voluntários também transformou a forma de organização. O que antes começava ou acabava com um chá na casa de Dona Odette, com uma proximidade imensa entre os membros, acabou criando uma distância. Entre as centenas de voluntários, nem todos conseguem estar presentes e integrados nas atividades uns dos outros.

É consenso de que ter um número grande de



pessoas interessadas e contribuindo é extremamente precioso - e expressa o desejo de Dona Odette de ver sua missão crescer e tomar forma em outras mãos. Porém, também implica que, aos poucos, cresce a proporção de voluntários que não conheceu a sopa de Dona Odette.

Isso traz para a Diretoria e para os antigos membros uma preocupação que não tem a ver com doações ou voluntários, mas com a memória. Aos poucos, chegam novos rostos que já não conheceram Dona Odette, que não tomaram seu chá com bolachas, que não sentaram em seu sofá para conversar, e que nunca ouviram um conselho carinhoso que ela tinha para dar.

Em meio a ingredientes diferentes das doações e à necessidade de atender à grande demanda de potes de sopa, a receita de Dona Odette nem sempre pode ser seguida à risca. São poucas as pessoas que sabem de cor, e menos ainda aquelas que aprenderam porque viram Dona Odette preparar passo a passo em sua cozinha.

Neste cenário, seria preciso tomar uma decisão: continuar exatamente como Dona Odette, entregando as mesmas sopas, sem poder aumentar o número de potes? Ou abraçar algumas mudanças para continuar crescendo e levando ajuda para novas pessoas?

“Não são mais aquelas pessoas que a gente conhecia. Não que serão pessoas ruins, mas a gente tá com 150 voluntários... [...] Você tá trazendo um, que tá trazendo outro. Eu não sei se, daqui a uns 40 anos, essas pessoas novas que tão chegando não vão ter esquecido. Já não vai ter tanta gente que viu, que sentiu aquele cheirinho.”

(Priscila Andreotti)

Muitas decisões acabam sendo difíceis, pois nem sempre é possível fazer como sempre foi feito. Dona

Odette ainda é o coração do Instituto, e as decisões da Diretoria sempre levam em consideração o que ela faria e o que ela gostaria que acontecesse. Mas, às vezes, é preciso se adaptar às novas condições

“A essência é ajudar as pessoas. Então, se eu quero ajudar as pessoas, e o S.O.P.A. continua ajudando pessoas, eu preciso me adequar à situação. É organização, por mais difícil que às vezes seja, é importante. É importante a gente saber qual é a quantidade de macarrão que a gente usa pra fazer a sopa por mês. É importante organizar as roupas, organizar as coisas para os mantimentos, organizar brinquedos, organizar tudo. Para que a gente consiga [fazer] o trabalho fluir.”

(Katia Aparecida da Cruz)

Além de estipular a quantidade de sopa, outras doações exigem um cadastro diferente. Foi estipulado, por exemplo, um registro para o recebimento de cestas básicas, em que aqueles que não poderiam ser atendidos no momento ficavam em uma lista de espera. Como havia uma rotatividade, logo essas pessoas poderiam recebê-las, mas era importante ter esse controle.

“É mais para organizar a questão dessas outras doações que a gente tem em volume menor. Porque a sopa a gente oferece para todo mundo. Eu falo para eles: sopa, todo sábado, se você vier, vai ter sopa. O restante a gente organiza.”

(Katia Aparecida da Cruz)

Malu levou um tempo até estruturar a equipe para cuidar das roupas. Para ela, era importante que a intuição a ajudasse a selecionar as pessoas - não era só uma questão de escolha individual. Era importante que os voluntários certos fizessem parte da equipe para dar continuidade ao trabalho da maneira com que Dona Odette gostaria.



“Custou muito para eu conseguir achar que eu tinha que dividir o meu serviço. Todo mundo brinca que quando eu morrer eu vou levar as roupas junto comigo, né, que vão me enterrar e as roupas junto. [rindo] Eu falava assim: ‘eu preciso ter uma intuição das pessoas que eu vou chamar. Não é a Maria Luiza que vai chamar.’ Eu falava: ‘Dona Odette, eu não sei se a senhora pode me ajudar...’ Ajudou. Apareceu direitinho o nome das pessoas quando eu dormi. E é uma turma maravilhosa.”

(Maria Luiza Arruda de Azevedo Rosa)

Ela é criteriosa e cuidadosa com a forma de cuidar das roupas, mas não é uma questão só pessoal: ela considera, e muito, a maneira com que aprendeu a fazer com Dona Odette. Um exemplo é a ideia de montar um brechó, que já foi levantada algumas vezes, mas que Malu rejeitou porque Dona Odette não gostava que as doações envolvessem dinheiro.

Quando existem roupas em melhores condições, Dona Neide leva algumas e troca por macarrão para a sopa. Em outros casos, a equipe organizou as roupas em araras para levar aos assistidos no fim do ano, para que pudessem olhar e decidir, como em uma loja. “Para eles terem o prazer de escolher”, como Malu disse.

“Eu aprendi com Dona Odette que tinha que ser assim, então assim vai ser. Não tem nada que eu invente, ‘não, agora eu quero que bote um lacinho em cima.’ Não. É como ela fazia.”

(Maria Luiza Arruda de Azevedo Rosa)

E, mesmo, com mudanças necessárias - cadastros virtuais para os voluntários, registro para os assistidos, e um estatuto formalizado - a essência de Dona Odette ainda está no dia a dia das tarefas. Assim como com Malu, a simplicidade do jeito com que Dona Odette

fazia continua no trabalho do S.O.P.A., porque, mesmo com seu jeito caseiro, ela sempre foi organizada e certinha em sua forma de fazer.

“Eu fui fazer sopa uma vez, a gente fazia uma bagunça do caramba [risos]. Ela conseguia fazer aquilo organizadamente, e bonitinho, no saquinho. A gente não consegue mudar também o jeito que ela fazia. Por mais que a gente queira umas coisas modernas a gente volta naquilo, porque funciona. É simples, é um pote de sorvete, mas funciona. É um saquinho de supermercado, mas funciona. Então ainda é da maneira dela.”

(Priscila Andreotti)

A creche, sede temporária do Instituto, acopla com tranquilidade o movimento dos voluntários e as necessidades da sopa. Porém, lá não é a casa de Dona Odette. Já não tem o mesmo ar, o mesmo cheiro.

E, neste caso, é preciso trazer mais do que a forma de fazer de Dona Odette: é preciso criar novas tradições, que carreguem sua essência, e façam todos se lembrarem da importância do trabalho que é feito.

Ensinar como ela ensinou e ninguém mais esqueceu.



# CAPÍTULO

## 08

O CORAÇÃO DOS ASSISTIDOS:  
HISTÓRIAS QUE INSPIRAM  
O INSTITUTO



66

Quando é preciso voltar atrás, existe alguém que veio antes de Dona Odette.

Antes mesmo da Casa da Sopa, antes dos pais de Dona Odette. Aqueles que são a origem de todo o trabalho: as pessoas que são assistidas.

Ainda que se fale dos assistidos como um geral, são pessoas com nome e, em vários casos, com cadastro feito pelo Instituto, como uma forma de melhor se organizar e atender à demanda por alimentação e outros bens fundamentais, como roupas e cestas básicas.

As pessoas assistidas são o motivo pelo qual todo o trabalho acontece, pelo qual os voluntários dedicam e pelo qual o Instituto é movido. Mas é impossível

reunir e unificar tantas histórias diferentes.

Aos sábados, quem coordena as ações geralmente é Irenis da Silva Nascimento, mineira que veio para Mogi das Cruzes porque precisava de cuidados para sua filha, e que encontrou na APAE a possibilidade dos tratamentos que ela necessitava. Mas seu primeiro contato com o instituto começou do outro lado, recebendo a sopa.

Havia uma conhecida em comum com Hamilton, na época em que trabalhava na Telefônica, e ele foi em sua casa para realizar uma entrevista e incluí-la na lista das pessoas assistidas devido à necessidade de apoio desde que havia se mudado. Dona Odette ajudava Irenis e sua filha, Rafa, como podia, lembrando sempre dela e separando roupas e brinquedos.

Graças à ajuda que Irenis pôde ter, ela começou a se dedicar ao trabalho voluntário. Começou em um outro Centro que frequentava, principalmente com crianças e idosos. Porém, quando Dona Odette faleceu, Hamilton havia comentado que precisavam do auxílio de mais pessoas na cozinha.

Por conta do trabalho, ela só poderia estar presente aos sábados, e começou lavando os potes, depois picando os legumes, sempre ajudando Lúcia no que podia. Quando Lúcia precisou se afastar, André perguntou se ela não poderia continuar com esse trabalho, uma vez que havia aprendido o preparo.

Hoje, ela chega cerca de 5:30h da manhã quando vai começar o trabalho, mas é algo que faz com prazer. Uma imensa gratificação é ouvir os elogios de voluntários e pessoas assistidas comentando que a sopa está cada vez mais gostosa, e de saber que pode, de alguma forma, retribuir.

“É uma coisa que me ajuda muito e eu gosto. Cada vez que eu faço mais eu recebo mais. É o jeito que eu



67

tenho pra agradecer, né. O jeito meu de ajudar é esse. [...] Engraçado que eu comecei com 7 caldeirões de sopa, você acredita? Hoje eu faço dezessete caldeirões.”

(Irenis Silva)

E seu trabalho não acaba na sopa: aquilo que precisar de ajuda, ela se dispõe. Se a ajuda de Dona Odette e do Instituto veio em um momento de necessidade, o voluntariado proporcionou amparo em outras partes de sua vida que talvez ela não pensasse: como uma fonte de inspiração e fortalecimento.

A história de Irenis, assim como de tantas outras pessoas, mostra um outro lado da assistência oferecida pelo Instituto.

O ditado antigo de que “melhor que dar o peixe é ensinar a pescar” parece incompatível com o trabalho social desempenhado por tantos grupos. Porém, para muitas pessoas e famílias que fazem fila para esperar os potes de sopa que vão matar sua fome, a realidade é muito diferente.

Hamilton se recorda de quando sentava e conversava com as pessoas na rua durante as entregas. Para ouvir suas histórias, bastava uma aproximação humilde e verdadeira. Essas pessoas, muitas vezes invisíveis na rua, carregavam uma trajetória, emoções e sentimentos que nem sempre tinham com quem dividir.

“Tinha cara que foi professor, tinha gente que morou nos Estados Unidos... [...] Ninguém nasceu na rua. Tinha um cara que tinha um carrinho de supermercado, uma vez ele falou pra mim assim: ‘tudo que eu tenho na vida tá nesse carrinho. Mas já tive esposa, já tive filho.’ [...] Cada um tem uma história de como foi parar lá. Ninguém nasceu na rua.”

(Hamilton Peixoto)

Dona Odette, desde o começo, sempre se preocupou em olhar com o máximo de carinho e, principalmente, sem julgamento, para as pessoas que receberiam sua ajuda. Priscila se recorda que foi um dos grandes ensinamentos que ela deixou:

“Ela sempre ensinou a gente a não julgar. ‘Cê não tá na pele dela’. ‘Cê não sabe como é a vida dela.’ ‘Você não sabe o que ela aprendeu’.”

(Priscila Andreotti)

Ela se lembra de uma vez, pouco antes do falecimento de Dona Odette. Era uma quinta-feira chuvosa, e precisou entrar na casa de uma moça, assistida havia um tempo pelo Instituto, para levar as entregas. Como o chão era de terra, a sujeira havia se espalhado por toda a casa, misturando com as roupas e a comida. De cara, ela quis ajudar a cimentar o piso.

Foi um desafio, dada a estrutura frágil da casa, mas ela conseguiu alguém que pudesse realizar o trabalho, arcando por conta própria, sem o Instituto. Depois da reforma, ela voltou à casa na expectativa de encontrá-la de cara nova, mas percebeu que o lugar não mudou muito sua organização desde que ela havia entrado pela primeira vez.

Semana após semana, ela se questionava por que a moradora, nem com sua ajuda, conseguiu organizar a casa como ela esperava. Ela chegou a pedir ajuda de Dona Odette, e foi surpreendida pela resposta.

“Ela falou assim: não julga. Sabe por quê? Ela nasceu no lixão. Ela não enxerga o que você já viu. Ela nunca viu o que você viu. Quando cê vai lá e acha que ela poderia fazer diferente, é porque ela nunca viu o diferente.”

(Priscila Andreotti)

Depois daquilo, ela enxergou a situação com novos



olhos. Esse era só mais um exemplo da forma com que Dona Odette olhava para os outros, com uma sabedoria tão humana quanto humilde.

Uma história que ela conta há bastante tempo, e que inclusive foi compartilhada durante a reportagem feita pela TV Diário, é uma lembrança que ela carregava desde a época da Fraternidade.

Um senhor lhe pediu restos de comida, e ela questionou por que apenas os restos. Ele comentou que seria para alimentar os porcos. Chegando no casebre, em condições muito precárias, percebeu a existência de um buraco no chão. Quando espiou, deu de cara com dois pares de olhos observando de volta.

Eram dois meninos, que possivelmente apresentavam alguma deficiência, e estavam adoecidos. Eles conseguiram levá-los a um hospital para tratamento, mas aquela imagem acompanhou Dona Odette por toda a sua vida, levantando a importância de sua missão.

Da mesma forma, o que movimenta André Almeida em seu trabalho é perceber quantas pessoas incrivelmente talentosas acabam, infelizmente, pelas condições, impedidas de alimentar sua vocação. A habilidade artística, por exemplo, ele já notou em diversos jovens assistidos, porém, estes acabam precisando deixar seu talento de lado para seguirem com atribuições que tragam um retorno financeiro imediato.

Um dos artigos de doações são livros, e, frequentemente, são ficcionais. Porém, houve um caso em que receberam livros didáticos do nível de Ensino Médio, e uma menina veio até ele perguntar se poderia pegá-los. Ele lhe perguntou a idade, e descobriu que tinha apenas 14 anos, e estava no 9º ano.

“Naquele dia, por coincidência... Quer dizer,

coincidência não existe, né? Eu tinha deixado no meu carro quatro apostilas de algum cursinho do nono ano. Quando ela falou eu fui lá no carro, peguei as apostilas e entreguei pra ela. Daí ela ficou toda feliz, levou pra casa”

(André Camargo de Almeida)

Três semanas depois, ele recebeu a mesma menina. Ela lhe disse: “Agora eu posso pegar a apostila? Eu já li aquelas”.

Esse caso emblemático mostra como existe interesse, apenas precisando encontrar a oportunidade certa para florescer.

“Tem bastante procura na parte dos livros, por exemplo, eu consigo perceber uma grande aceitação. E eu consigo identificar ali muitas crianças com um futuro muito promissor, mas precisa de um apoio, né?”

(André Camargo de Almeida)

Quando olha para o futuro, André pensa na possibilidade de oferecer oportunidades novas para essas pessoas, contribuir com ainda mais do que o S.O.P.A. já proporciona. Ver o crescimento do Instituto é um passo importantíssimo para ajudar novas pessoas, porém, ao mesmo tempo, também é difícil perceber que o trabalho continua sempre crescendo.

Não é fácil notar que um problema social que veio muito antes do S.O.P.A., antes de Dona Odette, não ainda não encontrou seu fim. Pelo contrário: continua demandando atenção, cada dia mais.

“Um trabalho em que nós entregávamos 27 a 30 sopas para moradores de rua, hoje a gente tá em 300 sopas para moradores de rua. O que é triste, né. Porque sempre que eu vejo a necessidade da gente aumentar o número de sopas eu penso no número

de necessitados atrás disso. Então, pra nós, o ideal seria que esse número reduzisse. A gente fica feliz em poder fazer tudo isso, mas fica triste em ver esse aumento da necessidade.”

(André Camargo de Almeida)

Diante desse cenário, alguém poderia se perguntar: como, então, continuar mantendo as esperanças em um trabalho que talvez nunca termine?



# CAPÍTULO

## 09

**A FORÇA DO VOLUNTARIADO:  
MOTIVAÇÕES QUE MANTÊM O  
LEGADO VIVO**



74

**S**ão múltiplas as razões que levam alguém a se juntar ao voluntariado. Tudo o que Dona Odette construiu é honrado pelas mãos que replicam suas tradições e costumes, mas o Instituto S.O.P.A. já não é apenas a casa de Dona Odette.

Há aqueles que buscam contribuir com os outros por motivos religiosos, outros porque herdaram esse costume da família. Há os que querem retribuir alguma ajuda do passado, e há aqueles que viram no voluntariado uma atividade saudável e nobre para ocupar seu tempo.

Mas como continuar?

Como seguir, ano após ano, firme em um trabalho que alimenta a alma, mas que também tem os seus

percalços?

Como manter viva a esperança diante de uma realidade que diariamente poderia dar motivos para desistir?

Talvez um começo seja olhar para trás.

Na reportagem que homenageia Dona Odette, ela fala sobre o trabalho enquanto mexe seu caldeirão de 16 litros, sem tirar os olhos da sopa:

“Não é por boniteza... É porque eu gosto. [...] Eu faço de coração, de corpo e alma. É porque eu gosto de fazer coisa pro ser, pras pessoas.”

(Dona Odette em reportagem da TV Diário)

Trata-se de uma entrega que vai muito além do material, mas de uma disposição emocional e espiritual em estar ali sem esperar algo em troca. Não por um possível resultado, mas pela conexão humana que existe naquele momento de união entre voluntários e assistidos.

Existe uma filosofia, desde a época de Dona Odette, de que não é uma questão unicamente de compromisso, mas de comprometimento: de estar ali presente e disponível. Priscila se lembra de um dos maiores aprendizados que teve:

“Isso é uma coisa que eu acho que eu aprendi com ela, você via que ela tava bem pra fazer. Mesmo quando ela tava doentinha, mas ela fazia com amor, carinho. Caridade se faz assim. Você também dá o que você pode dar. Você faz o que consegue, pra fazer bem feito.”

(Priscila Andreotti)

Certa vez, uma voluntária estava em um dia ruim e foi para a cozinha ajudar, mas os outros acharam que poderia não ser uma boa ideia. O trabalho da sopa não



75

deveria ser apenas uma obrigação, mas uma doação em um momento em que autenticamente fosse possível se envolver. Como dizia Dona Odette: “A gente não tá levando só a sopa. A gente tá levando carinho”.

“O trabalho voluntário ocorre de forma natural e espontânea, sempre visando atender da melhor forma todos que necessitam de auxílio material, espiritual ou emocional, se inserindo neste contexto também os voluntários que, por vezes, também estão carentes de uma palavra amiga, amparo emocional e até material quando se faz necessário.”

(Cássio Pereira da Silva)

O apoio não é apenas com as pessoas assistidas, mas também entre os voluntários. É um trabalho que traz força e propósito ao dia a dia.

“O S.O.P.A. ele me ajuda muito mais que eu ajudo o S.O.P.A. Mesmo quando eu fico melindrada [...] eu respiro fundo e falo: ‘não, espera, esse trabalho vai me fazer mais bem [...], então bora continuar, mesmo difícil a gente [...] vai em frente’.”

(Katia Aparecida da Cruz)

“A importância do voluntariado, ela traz muita satisfação pra gente, porque a gente fica ociosa por aí, sem fazer nada, e isso faz muito mal. E esse trabalho, o voluntariado, faz muito bem pra gente. Eu venho porque eu quero vir mesmo, e me sinto bem. E a turma que eu venho, que eu to sempre engajada é uma turma alegre, faz muita bagunça, faz muito barulho. Isso eu acho que ajuda a fortalecer a alma da gente, ou seja, pra você não cair em uma depressão, não ficar triste. Pelo menos eu ocupo meu tempo e me sinto ótima.”

(Kumiko Kobayashi)

“O voluntariado pra mim é uma questão de reforma íntima, servir ao próximo [...] e acredito que

[ao] trabalhar na caridade eu melho a minha moral, a minha pessoa, que é sempre bom trabalhar pros outros. Então eu gosto de fazer esse serviço.”

(Isaias Marques da Silva)

“Ser voluntário é estar pronto para auxiliar a quem precisa, poder participar das atividades que antecedem os trabalhos efetivamente realizados, tais como picar legumes, ajudar no feitiço da sopa, separar roupas, sapatos e tudo mais que for necessário. É estar comprometido sem ser obrigado a realizar tais atividades, é se sentir bem em poder fazer a diferença e estar sensível à nossa realidade.”

(Cássio Pereira da Silva)

“Ser voluntário, pra mim, acho que é fazer o bem, se sentir bem, fazer parte do bem. Eu acredito que todos nós deveríamos ser voluntários, porque acho que é a melhor coisa que podemos fazer por nós mesmos, para nossa evolução, nosso crescimento. Isso deve fazer parte de todo ser humano.[...] Já faz tempo que eu sou voluntária - aqui nesse lugar é pouco tempo, mas eu já sou em outros lugares, e eu quero sempre estar ajudando, porque é muito importante fazer pro outro o que você faz pra si mesmo. Muito bom mesmo, eu aconselho.”

(Cleusa Aparecida Costa Moura)

“Eu acredito que eu fui divinamente orientada e encontrei o Instituto, e aqui estou e aqui pretendo ficar enquanto Deus permitir, é um trabalho que a gente doa de corpo e alma pra quem realmente quer ser um voluntário. É cansativo? É cansativo, mas é um cansaço tão diferente que a gente nem sente. Eu realmente fico até sem palavras para poder expressar, a palavra acho que é gratidão. Gratidão por ter a oportunidade. Quando eu cheguei no Instituto me receberam de braços abertos, e é assim que eles recebem a todos que



aqui chegam. E sempre tem trabalho pra gente fazer, seja ensacar os pães, seja ajudar a colocar os potes de sopas nas sacolas, seja varrer um chão... [...] Para mim é mais que gratificante ter essa oportunidade de fazer parte desse Instituto.”

(Fabiana Candida da Silva)

Gratidão. Essa é a palavra que guia o trabalho.

Diante de situações tão delicadas que são vistas no dia a dia, assistindo a tantas pessoas que precisam, a gratidão por poder fazer alguma coisa é o ponto central que orienta a rotina no Instituto.

Valmir se recorda de um capítulo de sua história com Dona Odette que expressava a natureza de sua prima. Certo dia, ela disse: “entra aqui, vem conhecer minha cozinha”.

“Eu lembro que o fogão dela tava caindo. Ela nunca me pediu nada, nunca nunca nunca. A não ser esses pãezinhos, e era um compromisso que eu tinha com ela. [...] E, um belo dia, eu vi aquele fogão dela calçado e falei: ‘Meu Deus, Odette do céu! Esse fogão vai escapar essa madeira aí, vai queimar as mulheres que ajudam a senhora, vai acontecer um acidente.’ Ela falou: ‘meu filho, é o que nós temos. Eu não posso parar de fazer a minha sopa’. Aquilo tocou no meu coração.”

(Valmir Silva)

Sem ela saber, Valmir buscou uma parceria com um fornecedor de equipamentos de padaria de quem havia sido cliente. Dele, comprou um fogão novo a preço de custo dividindo os gastos com um outro colega. Então, colocou o presente em uma kombi e fez uma surpresa para ela.

“Rapaz, você não imagina o quanto aquilo me preencheu e me deixou alegre. Uma felicidade que

nunca mais na minha vida eu esqueço. Quando eu penso naquele fogãozinho novo, foi com muito amor, e eu aprendi esse amor com ela. [...] Quando eu cheguei lá, se você visse... Essa mulher quase que ajoelhou no meu pé. Ela ficou tão feliz, tão agradecida... E eu levo isso pra minha vida. A gratidão é a coisa mais linda que o ser humano tem, e isso ela tem bastante.”

(Valmir Silva)

A força da solidariedade é tão grande que ela transforma os caminhos de uma forma que é impossível imaginar. Quando se mudou para Mogi das Cruzes e começou a ser auxiliada pelo S.O.P.A., Irenis jamais imaginaria que estaria, hoje, contribuindo para outras pessoas da forma com que Dona Odette lhe auxiliou. Só de relembrar a história, ela se emociona.

“Eu nunca ia imaginar que eu ia estar fazendo a sopa, sabe? [...] Nunca passou pela minha cabeça de eu estar ali fazendo sopa, ajudando a pessoa que me ajudou, no lugar dela, fazendo a sopa. [...] E uma surpresa muito, assim, muito boa de eu estar ali no lugar dela, da Dona Odette, a sopa que eu comia, que ela fazia pra mim, hoje eu faço e mando para os outros. [...] Acho que o melhor presente que eu ganhei da minha vida é isso, é estar fazendo sopa. E ela tá ali comigo, ela tá vendo que eu faço do jeitinho que ela fazia. [...] O trabalho que ela deixou pra mim é minha missão, e eu vou cumprir até a hora que der pra eu fazer.”

(Irenis da Silva Nascimento)

Dona Odette sempre pensou no futuro, de como o trabalho seguiria após sua passagem, mas isso nunca a impediu de viver o presente. Ela não gostava de deixar coisas estocadas, tinha horror à ideia de desperdício. Ela fazia o que podia naquele momento, naquele dia, para aquelas pessoas.



Mesmo com o Instituto maior, com a necessidade de uma organização inevitável, sua intuição não é esquecida. Priscila se lembra de uma história quase cotidiana, que a marcou.

Naquele dia, quando estava ajudando a organizar os itens para a entrega, Dona Odette lhe entregou um pequeno pacote com seis caixas de leite. Entre os voluntários, porém, optou-se por deixá-los na casa. “É pouco leite, como que você vai chegar lá só com seis? Quando a gente juntar mais a gente leva”, foi o que comentou André.

Quando viu as caixas de leite voltando, Dona Odette logo foi questionar. Sem ceder, ela repetiu que deveriam ser levadas com as entregas: “Quando chegar lá você vai saber para quem entregar”. Sem querer contrariá-la, todos concordaram.

Antes mesmo que o carro estacionasse na rua, foram abordados por uma moça com uma criança de colo com pouco mais de um ano. O filho tinha um problema na garganta que comprometia sua alimentação, e ela estava recolhendo doações de leite. Na hora, assim como Dona Odette ensinou, ela soube que era para quem deveria entregar.

André passou por um evento parecido, em que, durante as entregas para pessoas em situação de rua, foi abordado por um rapaz. Estavam quase no fim da distribuição das sopas, e o moço perguntou se ele não teria dinheiro para comprar bolacha de água e sal para o filho, pois tinha saído de casa justamente para tentar comprá-las para ele.

Especificamente naquele dia eles haviam saído com alguns pacotes para entrega, mas elas haviam terminado mais cedo. Ainda assim, André se prontificou a procurar no carro, mesmo que tivesse quase certeza que não haveria mais nenhuma sobrando. Pois havia

exatamente um pacote perdido.

“A felicidade que ele saiu com a bolacha de água e sal... [...] Essa é uma história muito bacana pra gente ver como que Deus nos auxilia sempre ali na tarefa, fazendo chegar em quem necessita.”

(André Camargo de Almeida)

De todos os ensinamentos, um dos que mais fica é esse: de que ajudar pode ser simples.

O trabalho no S.O.P.A. não para - enquanto as equipes finalizam a noite cortando legumes, a próxima já se prepara para acordar de madrugada para esquentar a água nos caldeirões. Exige organização e planejamento. Mas, a raiz de todo o trabalho está na simplicidade do gesto, que sempre norteou a solidariedade de Dona Odette.

Ajudar porque faz bem tanto para quem ajuda quanto para quem recebe.

A reportagem de Dona Odette encerra com várias imagens dos preparos no S.O.P.A., enquanto sua voz relembra: “a melhor coisa que pode existir pro ser humano é você dar a mão pro outro”.



# CAPÍTULO 10

## O FUTURO DO SOPA: RENOVANDO ESPAÇOS E PLANEJANDO NOVOS PROJETOS



82

O futuro. O antigo portão de ponta de lança da casa de Dona Odette hoje tem grades brancas, tão recentemente trabalhadas que a luz do sol ilumina e reflete o brilho da pintura. Um telhadinho baixo mantém sua caracterização típica da Vila Industrial, mas sua nova arquitetura traz claridade e frescor para uma casa que, por tantos anos, acolheu os voluntários.

O piso em um tom de bege claro combina com as paredes inteiramente brancas. O caminho que antes parecia estreito agora se apresenta mais amplo, um corredor comprido que termina na nova cozinha.

Antes dela, existe um pequeno jardim fechado por portas de vidro, onde poderão ser plantados temperos. O Sol forte ilumina e aquece o corredor, atravessando

as janelas da ampla nova cozinha. Por enquanto, existe apenas uma coifa, que foi um dos maiores investimentos do Instituto, para poder aliviar o calor que sobe dos caldeirões.

Uma abertura planejada na parede revela uma escadaria na lateral, por onde os visitantes podem observar o trabalho acontecendo na cozinha enquanto sobem para o andar seguinte, um escritório, que ainda está sendo organizado e finalizado.

Para fazer a reforma, foram várias arrecadações realizadas ao longo dos meses, como o bingo e o strogonoff solidários, que são eventos famosos do S.O.P.A. Houve um atraso no planejamento, mas o resultado promete compensar. Quando os voluntários veem o novo Instituto, a reação é sempre inspiradora em ver um lugar adaptado para as necessidades do trabalho.

Em conversa com os familiares de Dona Odette, o projeto da casa foi discutido, pois a proposta era de transformar tanto o espaço que poderia perder as características que tornavam aquela casinha a morada de Dona Odette.

Porém, havia um consenso de que era o que ela iria preferir - ver que o lugar estava se adaptando melhor para garantir a continuidade do trabalho. Seu apego nunca foi material.

E os planos não param. Além de continuarem oferecendo a sopa, também existe uma vontade de proporcionar cursos de formação, que até já foram testados na creche. A ideia é dar ainda mais possibilidades para as pessoas assistidas, para que possam também conquistar trabalho e começar a transformar sua realidade.

É um projeto que exige planejamento - o Instituto é distante de alguns dos bairros assistidos, por exemplo - mas que mostra o desejo enorme de continuar



83

promovendo a transformação da comunidade.

“O objetivo é ampliar para outras atividades além da entrega da sopa, como cursos de formação em informática, desenho, nas áreas artísticas. Enfim, poder dar chance de desenvolvimento de talentos entre as pessoas que estão entre os assistidos. [...] Eu tenho um objetivo de fazer um evento no dia do voluntariado com outras entidades para apresentar para escolas, trabalhadores, sociedade no geral, as diversas áreas em que existem instituições atuando e quem quiser pode conhecer mais e até descobrir em qual se identifica e pode participar.”

(André Camargo de Almeida)

Outro desafio é o de conquistar os mais jovens. Apesar da chegada enorme de voluntários, é difícil ver a presença de uma geração mais nova engajada nos trabalhos do Instituto. André entende a dificuldade, mas também pensa sobre como isso pode transformar o futuro do S.O.P.A..

“A renovação, de manter os mais jovens no trabalho voluntário não é fácil. [...] Os jovens chegam a uma idade em que começam a ter muitas outras atividades em busca da construção da própria vida profissional e pessoal. Mas, de qualquer forma, é importante esse contato e iniciação com o trabalho solidário para que onde quer que ele esteja, se houver uma oportunidade de atuar como voluntário, ele faça com toda dedicação e carinho.”

Afinal, pensando em um legado a ser deixado, as próximas gerações são as que irão conduzir os trabalhos. Parece um futuro imprevisível, pensando em tantas novas pessoas que virão e que já não conheceram Dona Odette. Porém, é possível respirar fundo e confiar em uma solidariedade que é passada de geração em geração

ao observar uma pequena folha de papel.

“A velhinha que ajudava as pessoas” é o título de uma redação escrita por Marina, filha de Priscila. O texto, que faz parte de uma atividade escolar do quarto ano, ainda conta com uma foto das duas, em que Marina se encosta sorridente ao lado de Dona Odette, quase do seu tamanho.

Sua letra cursiva caprichada conta brevemente a história de Dona Odette, com um carinho com os detalhes e simplicidade que inspira. Lendo a singela redação de Marina, é possível ter uma certeza: o legado que o S.O.P.A. se estenderá por muito, muito tempo.

Por isso, por enquanto, o foco é o mesmo de sempre: entregar sopa para aqueles que mais precisam. O futuro é incerto, e pode ser que nem todos estejam lá sempre. Como Hamilton compara: é como uma viagem de trem.

“O S.O.P.A. parece uma viagem de trem, sabe? Passa o trem, a pessoa entra no vagão, senta do seu lado, conversa, puxa uma amizade... Daí chega uma hora ela desce numa estação. Tem gente que entrou e não desceu mais, estamos seguindo essa viagem juntos. Mas, muita gente, por algum motivo, desceu.”

(Hamilton Peixoto)

A preocupação de Dona Odette nunca foi com memória, mas com a continuidade de seu trabalho. Essa é a lição que permanece, e que se mantém nas ações e corações que pulsam pela mesma missão.

“Ela deixou o seu legado, a sua história. Com certeza, assim como nós estamos conversando dela hoje, nós vamos conversar com nossos filhos, com nossos netos, e a eternidade está nisso aí.”

(Valmir Silva)

E isso é expresso no trabalho do dia a dia, no que foi

o começo de tudo: alimentar quem precisa.

“A meta nossa, da maioria de nós, é que a doação chegue na pessoa que tem que chegar, né? Acho que é isso. Então, que a gente se organize e trabalhe sempre nesse sentido, que é a essência da Dona Odette. Era entregar pras pessoas, atender as pessoas, auxiliar as pessoas. Nem que seja um pouquinho, minimizar as dificuldades deles.”

(Katia Aparecida da Cruz)

O Instituto agora pode já não parecer mais a casa de Dona Odette. Porém, sua memória segue viva muito além das paredes, do cantinho de reza, e de seu fogãozinho humilde. Além até das fotografias da entrada da creche, que eternizam seu rosto humilde e tímido, de quem não era grande fã de fotos.

“O maior legado? O amor ao próximo. Sem distinção de absolutamente nada. Amar e amar a todos. Eu acho que isso é o maior exemplo que uma pessoa pode dar.”

(Maria Luiza Arruda de Azevedo Rosa)

Sua memória segue a cada entrega; em cada caldeirão de sopa que é cozinhado como ela gostaria de ter feito; em cada potinho que é preenchido e ensacado do mesmo jeito que ela fazia; em cada palavra de aconchego e de carinho que ela gostaria de doar; em cada oração que lembra o motivo e a missão daqueles que ali estão.

Seu legado segue vivo em todos os gestos de amor e de compaixão com o próximo. Vivo no carinho, que é como um prato aconchegante de sopa que tem cheiro e sabor de casa: não só porque esquentada do frio, mas porque aquece o coração.

## AGRADECIMENTOS

O livro foi construído a partir de uma memória oral, ouvindo depoimentos e relatos que trouxeram vida e cores a cada capítulo.

Por isso, agradecemos à família de Dona Odette, aos voluntários do S.O.P.A., aos amigos de longa data e moradores da Vila Industrial que contribuíram para essa construção.

Agradecemos pelos depoimentos de:

- Ana Lúcia Formigoni
- André Camargo de Almeida
- André Kuramoto
- Anderson Alves Bernardo
- Cássio Pereira da Silva
- Cleusa Aparecida Costa Moura
- Eliana Higuchi
- Fabiana Candida da Silva
- Glauco Ricciele
- Hamilton Peixoto
- Herculano Alexandre
- Irenis da Silva Nascimento
- Isabel Hein Bueno
- Isaias Marques da Silva
- Jasson Benedito Lima
- Jonas Bueno
- José Carlos de Almeida

- Jucimara Maria de Almeida
- Katia Aparecida da Cruz
- Kumiko Kobayashi
- Marlí Aparecida Ferreira
- Maria Luiza Arruda de Azevedo Rosa
- Natasha de Almeida Ferreira
- Nilza Lopes
- Neide Bueno Lima
- Paulo Roberto de Almeida
- Pérola de Almeida Moreira
- Priscila Andreotti
- Renato Prado
- Sandro de Almeida
- Valmir Silva
- Vladimir Padovani



Agradecemos, também, ao apoio da prefeitura e da Secretaria de Cultura de Mogi das Cruzes, por meio do Programa de Fomento à Arte e Cultura (PROFAC), edital municipal que tornou viável a construção, publicação e divulgação deste livro.



# GALERIA

UM NOVO CAPÍTULO: ADAPTAÇÃO E  
CRESCIMENTO EM TEMPOS  
DE MUDANÇA



Entrega de sopa (2020)

A senhora que ajudamos as pessoas  
Odete Bueno de Almeida, nasceu em  
06 de novembro de 1931, na cidade de Luzano, SP  
Tive uma infância bem simples morando com os  
pais e mais irmãos, minha vida bem humilde, estudei  
até 4ª série, porque precisou trabalhar mas aprendeu  
a ler e a escrever.

Trabalhou em casas de família, lavanda e  
cogumelando desde cedo.

Casou-se e teve 3 filhos nove netos e 9 bisnetos

Em 1970 começou a trabalhar com caridade  
em fraternidades e institutos, último lugar que  
trabalhou foi na Casa da SOPA.

Em 2000 começou a fazer a sopa na casa dela  
mesma para moradores de rua e famílias carentes.

Foram aparecendo amigos e voluntários aumentou  
ajudas e ajudados daí nasceu o seu instituto  
chamado SOPA, onde hoje ajuda mais de 1000 pessoas

Este ano completaria 50 anos de caridade e 89  
anos. Falceu dia 24 de maio de 2020 em sua  
casa, seu coração simplesmente parou.

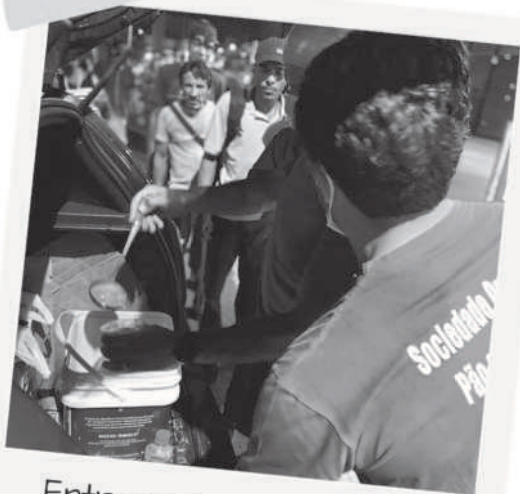
Trabalho de escola da Marina  
Andreotti, filha de Priscila Andreotti



Fachada da casa de Dona Odete, antes  
da reforma, com os voluntários  
(dezembro de 2020)



Entrega de sopa - Bairro Jardim Aeroporto de Mogi das Cruzes-SP (2020)



Entrega de sopa na rua (2020)



Fotografia no Natal de 2018, na casa de Dona Odette, com os voluntários



Fotografias da participação do Instituto S.O.P.A. na Festa do Divino de Mogi das Cruzes (2024)



Turma de quinta-feira  
separando roupas e calçados  
para doação (2023)



Entrega de sopa em  
Jundiapéba (2022)



Preparação para o evento  
do Dia das Crianças (2023)



Voluntários na entrega de sopa  
no Natal (2020)



Fila de espera em Jundiapéba  
(2022)



Entrega de sopa em Jundiapéba  
(2022)



Entrega de sopa em Jundiapéba  
(2022)



Voluntários na entrega de brinquedos da  
Dia das Crianças (2021)

A velinha que ajudava  
as pessoas



Olona Odete com Marina no dia das  
crianças de 2019

MARINA S. ANDRE  
4º ANO



Fotografias da participação do Instituto  
S.O.P.A. na Festa do Divino de Mogi das  
Cruzes (2024)

Literando

Indique este livro para um amigo!  
Saiba mais em: [www.literandoeditora.com](http://www.literandoeditora.com)